



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS – TRADUÇÃO – ESPANHOL – NOTURNO

NAYARA DE FARIAS SOUZA

**CADA VEZ MENOS LEIGA EM PSICANÁLISE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA
DE *EL GRAFO DEL DESEO* DE ALFREDO EIDELSZTEIN**

BRASÍLIA
2º2016

NAYARA DE FARIAS SOUZA

**CADA VEZ MENOS LEIGA EM PSICANÁLISE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA
DE *EL GRAFO DEL DESEO* DE ALFREDO EIDELSZTEIN**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Tradução-Espanhol do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez

BRASÍLIA

2º2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

LETRAS – TRADUÇÃO – ESPANHOL – NOTURNO

NAYARA DE FARIAS SOUZA

**CADA VEZ MENOS LEIGA EM PSICANÁLISE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA
DE *EL GRAFO DEL DESEO* DE ALFREDO EIDELSZTEIN**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez

Universidade de Brasília

Prof^a. Dr.^a Ana Helena Rossi

Universidade de Brasília

Karime Colares

Psicanalista

Projeto Final aprovado em: _____ / _____ / _____

Brasília, dezembro de 2016

“E o que parece não querer dizer nada sempre quer dizer qualquer coisa.”

Fernando Pessoa

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em apresentar uma breve discussão a respeito da psicanálise, desde seu surgimento através de Sigmund Freud até a estrutura do inconsciente proposta por Jacques Lacan. Pretendeu-se, com essa discussão, estabelecer um diálogo entre a tradução e a psicanálise através da tradução comentada de dois capítulos de *El Grafo del Deseo* de Alfredo Eidelsztein. A psicanálise são seus textos e eles chegam até nós via tradução, dessa forma, foram apresentadas algumas problemáticas que permeiam na relação entre os dois campos e foi discutido a respeito da possibilidade de tradutores leigos traduzirem textos psicanalíticos.

Palavras-chave: Tradução; psicanálise; *El Grafo del Deseo*; comentário.

RESÚMEN

Este trabajo de final de curso consiste en presentar una breve discusión sobre el psicoanálisis, desde su surgimiento a través de Sigmund Freud hasta la estructura del inconsciente propuesta por Jacques Lacan. Se pretendió con esa discusión, establecer un diálogo entre la traducción y el psicoanálisis a través de la traducción comentada de dos capítulos de *El Grafo del Deseo* de Alfredo Eidelsztein. El psicoanálisis son sus textos, los cuales llegan a nosotros vía traducción, de ese modo, fueran presentadas algunas problemáticas que permean en la relación entre los dos campos y fue discutido sobre la posibilidad de que traductores legos traduzcan textos psicoanalíticos.

Palabras-clave: Traducción; psicoanálisis; *El Grafo del Deseo*; comentario.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. O SURGIMENTO DA PSICANÁLISE	10
1.1. O pai da psicanálise.....	11
1.1.1 O caso Ana O.....	12
1.2. Jacques Lacan	13
1.3. O inconsciente estruturado como uma linguagem.....	14
2. DIÁLOGOS ENTRE TRADUÇÃO E PSICANÁLISE	17
2.1. Alfredo Eidelsztein e <i>El Grafo del Deseo</i>	18
3. METODOLOGIA.....	20
3.1. Preparação do texto.....	21
3.2. Ferramentas de auxílio.....	21
3.3. Revisão.....	22
4. TRADUÇÃO ESPELHADA DOS CAPÍTULOS 6 E 7 DE <i>EL GRAFO DEL DESEO</i>	24
5. COMENTÁRIOS DE UMA TRADUÇÃO.....	83
5.1. <i>Palabra</i> – Fala.....	84
5.2. <i>Huella</i> – rastro.....	84
5.3. Repressão – recalque.....	85
5.4. Fantasma – fantasia.....	86
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90

INTRODUÇÃO

O interesse pela psicanálise surgiu, em primeiro lugar, a partir de uma conversa com um colega de universidade, durante a qual ele contou-me a respeito de algumas sessões com sua psicanalista. Passei então a ler sobre a vida e obras do médico neurologista que deu origem à psicanálise, Sigmund Freud, e me interessei ainda mais quando fui apresentada às obras de Jacques Lacan, psicanalista francês que, com base na obra de Freud, formulou o que chamou de “meu ensino” e propôs uma estrutura para o inconsciente.

Foi a partir de um convite para traduzir o livro *El Grafo del Deseo* de Alfredo Eidelsztein que passei a relacionar a tradução com a psicanálise. A respeito dessa relação da tradução com outro campo do saber, vejamos a citação de Maria Paula Frota:

Como sabido, a tradução, por sua própria natureza, constitui-se como atividade complexa, diversificada, múltipla: é feita necessariamente da diferença entre línguas e linguagens, sociedades e culturas, épocas, ideologias; entre recursos tecnológicos e entre possibilidades humanas de acesso às produções culturais. Quanto aos tradutores, de um modo geral eles são, desde sempre, tradutores e poetas, tradutores e teólogos, tradutores e filósofos, e linguistas, e advogados, e economistas, e jornalistas, e psicanalistas; ou seja, somos sempre tradutores e. (FROTA, 2015, p. 277)

Ao longo do curso de tradução pude perceber que tradutores, de um modo geral, dedicam-se também a outras atividades, não apenas à tradução. Dessa forma, a tradução sempre está relacionada a outro campo e, para este trabalho, decidi relacioná-la com a psicanálise.

O convite para a tradução surgiu durante o estágio obrigatório de outros dois alunos do curso de letras-tradução-espanhol e também fui convidada a participar de um grupo de estudo do referido livro na Escola Lacaniana de Psicanálise de Brasília-ELPB, foi então que decidi desenvolver o projeto final de curso estabelecendo um diálogo entre a tradução e a psicanálise, campos muito estudados e discutidos separadamente, mas que dispõem de poucos trabalhos onde são relacionados.

Um desses trabalhos é o desenvolvido pela minha orientadora em sua tese de doutorado, onde o comentário de tradução de um texto psicanalítico foi a sua metodologia, cujo teor é a minha maior referência. O livro de Eidelsztein abriu-me

as portas para a entrada na psicanálise, onde posso entrar sem necessariamente deixar para fora os estudos da tradução.

Este projeto é o resultado de tudo que foi estudado durante o curso e dos longos anos em contato com a Língua Espanhola. Comecei a estudar o idioma aos onze anos de idade no Centro Interescolar de línguas de Sobradinho-DF. Em 2011 completei o nível avançado e meu ingresso no curso de Letras-Tradução-Espanhol é fruto da vontade de continuar em contato com o idioma.

No início da minha graduação, minhas concepções a respeito do trabalho de um tradutor eram totalmente diferentes das que tenho hoje. Foi durante o curso de tradução que surgiu também o interesse pela psicologia. Cursei algumas matérias do departamento e estudei brevemente sobre algumas abordagens teóricas, mas foi com a abordagem psicanalítica com a qual mais me identifiquei.

Pode parecer estranho a fato de se falar tanto em psicanálise em um trabalho de tradução, mas gostaria de esclarecer ao leitor que foi dessa forma que incursei no campo da psicanálise. Este é o resultado de todo o trabalho por trás da relação dos dois campos. Apresentar uma tradução comentada de um texto psicanalítico foi a forma que encontrei de estabelecer esse diálogo: tradução e psicanálise.

Este projeto consiste em apresentar uma breve discussão a respeito da psicanálise, desde seu surgimento através de Sigmund Freud até a estrutura do inconsciente proposta por Jacques Lacan. Além disso, apresento uma tradução comentada dos capítulos 6 e 7 do livro *El Grafo del Deseo*, que reúne transcrições das aulas do curso de pós-graduação intitulado “*El grafo del deseo y la clínica psicoanalítica*”, realizado durante o ano de 1993, no “Programa de atualização em psicanálise lacaniana” em Buenos Aires.

O trabalho foi dividido entre cinco capítulos, sendo assim, o primeiro capítulo e o segundo destinam-se basicamente à breve explicação do que se trata o campo que escolhi para dialogar com a tradução. É relatada brevemente a história do surgimento da psicanálise, bem como a de seu criador, Sigmund Freud e um de seus mais célebres percursores, Jacques Lacan, nestes capítulos são abordadas questões relativas ao inconsciente e de como ele se estrutura. Discute-se a respeito das relações que podem haver entre a tradução e a psicanálise e ainda conta com uma breve análise do livro em questão.

No terceiro capítulo são descritas as metodologias de tradução. Onde é relatada toda a experiência: o convite para a participação da tradução do livro, bem

como minha participação do grupo de estudos da Escola Lacaniana de Psicanálise, alguns critérios que foram estabelecidos no decorrer da tradução, as ferramentas de auxílio e obras de especialidade e todas as ferramentas que auxiliaram o trabalho em equipe.

O quarto capítulo do trabalho conta com a tradução espelhada de dois capítulos do livro de Eidelsztein, resultado de um longo trabalho, que exigiu muita pesquisa e uma revisão minuciosa. Gostaria de esclarecer que, embora seja mencionado, no decorrer do trabalho, o critério de elaborar notas de rodapé e sua importância na tradução de um texto como esse, os dois capítulos utilizados ainda não dispõem de tais recursos.

Por fim, o quinto capítulo reúne os comentários de tradução, onde foram apresentadas algumas problemáticas que surgiram durante o processo tradutório e onde é exposta minha experiência, como leiga, na tradução de um texto psicanalítico.

1. O SURGIMENTO DA PSICANÁLISE

A Psicanálise surgiu dentro das tradições da medicina e da psiquiatria. Os especialistas marcam o início formal desse movimento inaugurado por Sigmund Freud, no 1900, com a publicação de seu primeiro livro “*A interpretação dos sonhos*”. De acordo com Schultz (2007), nessa época as escolas de psicologia abordavam temas como a sensação, a percepção e a aprendizagem; o movimento psicanalítico se distinguiu das demais abordagens tanto pelo seu objeto de estudo quanto pela técnica clínica. Enquanto que a psicologia, de um modo geral, se baseava na experimentação controlada de laboratório, a psicanálise propunha a observação clínica e tratava do inconsciente para explicar as psicopatologias, ou comportamentos não apenas anormais. Observe-se que os trabalhos tidos como seminais referem fenômenos experimentados por todos, a saber, lapsos, chistes e sonhos. Somado ao sintoma, tais são as chamadas formações do inconsciente.

A hipnose, prática inicialmente desenvolvida pelo mesmerismo, contribuiu para gestar as ideias da psicanálise. A tese do médico vienense, Franz Anton Mesmer (1734-1815), consistia em que as pessoas mantinham as mesmas propriedades que um ímã e que eram sujeitas às influências magnéticas. O tratamento de seus pacientes consistia inicialmente em usos de ímãs em suas sessões terapêuticas. Com o tempo esse procedimento foi abandonado e substituído pelo contato com as mãos, prática que também foi deixada de lado, dando lugar a uma nova técnica terapêutica estabelecida pelo médico James Braid, a hipnose, que não faz uso de ímãs ou qualquer objeto com poder especial, a prática depende apenas do estado psíquico do paciente. Estas ideias possuem seu relevo, quando consideramos aspectos fundamentais da psicanálise, prática que trabalha com questões descartadas por uma certa ideia da ciência, dentro do paradigma positivista, que visa a objetividade e no qual a voz do pesquisador é aquela do cientista desinteressado que não exerceria nenhuma influência nos resultados da sua pesquisa (GUBA & LINCOLN, 1994)

A hipnose, no entanto, obteve maior reconhecimento no âmbito do trabalho do médico francês Jean Martin Charcot (1825-1893), diretor da clínica neurológica de Salpêtrière, hospital para mulheres com doenças mentais. Em 1885, Freud assistiu a uma conferência dada por Charcot e passou a aderir a sua proposta de modelo

fisiológico. Acreditava-se que os sintomas da histeria não eram simulação, mas, sim, que se tratava de uma doença com um conjunto de sintomas bem definido.

Segundo Garcia-Roza (2013), Charcot elaborou a teoria do trauma, cuja causa não é de ordem física, devendo o paciente relatar, por meio da hipnose, os acontecimentos pessoais do decorrer de sua vida, cabendo ao médico localizar o acontecimento traumático responsável pelos sintomas histéricos. No entanto, durante as narrativas de seus pacientes surgia sistematicamente o componente sexual, cuja ligação com a histeria se fazia presente e que Charcot se recusava a admitir. Foi, então, a partir da observação da melhora das pacientes de Charcot, que Freud começou a pensar na hipótese de que a causa das doenças não era orgânica, mas, sim, psicológica e passou a dar atenção ao fato do componente sexual estar sempre sendo articulado nas narrativas de casos de histeria. Eis um esboço das ideias iniciais do que posteriormente se conheceria como Psicanálise, campo inaugurado por Sigmund Freud.

1.1 O pai da Psicanálise

Sigmund Freud nasceu em 6 de maio de 1856, em Freiberg, na Morávia, hoje pertencente à República Tcheca. Filho de Jacob Freud e sua terceira mulher, Amalie Nathanson, seu pai era comerciante de lã e, devido ao fracasso nos negócios, mudou-se com a família para Leipzig e mais tarde, quando Freud tinha 4 anos de idade, mudaram-se para Viena, onde ele passou a maior parte de sua vida. Freud tinha 7 irmãos, dentre eles, ele era o que mais demonstrava habilidades intelectuais; aos 17 terminou o ensino médio e, em 1873, iniciou a faculdade de medicina na Universidade de Viena.

Na faculdade demonstrava grande interesse pela filosofia e pelas teorias da evolução de Darwin. Levou oito anos para concluir seus estudos e, desde então, passou a se dedicar aos estudos de sistemas nervosos de enguias e posteriormente à fisiologia, realizando trabalhos sobre a espinha dorsal de alguns peixes, no entanto seus trabalhos não foram conclusivos.

A grande ambição de Freud era poder dar continuidade às suas pesquisas científicas e, além disso, desejava se casar com sua noiva, Martha Bernays (1861-1951), e, por falta de condições financeiras, já haviam adiado o casamento várias vezes. Freud já não podia continuar com suas pesquisas no laboratório da

Universidade de Viena, passou então a atender pacientes particulares como médico neurologista e a contar com a ajuda do médico Josef Breuer (1842-1925).

Foi durante o tratamento de uma paciente de Breuer, quem ganhou o pseudônimo de Anna O. que Freud pode acompanhar os avanços do que a própria Anna O. chamou de “*Talking Cure*” ou “Cura pela fala” (PETER GAY, p. 189).

1.1.1 O caso Anna O.

Anna O. era a filha de um dos pacientes de Breuer que, dedicada a cuidar da doença do pai, passou a apresentar diversos sintomas histéricos. Garcia-Roza (2013), relata que Breuer inicialmente fez seu tratamento usando a técnica da hipnose, que denominou como método *catártico* e constatava uma melhora significativa dos sintomas na medida em que a paciente relatava lembranças específicas que pudessem ter dado origem a alguns deles, no entanto os sintomas voltavam em pouco tempo.

A técnica da hipnose foi abandonada dando lugar à “cura pela fala”. Na medida em que a paciente relatava suas lembranças, os sintomas eram amenizados. Como observado pela própria Anna O., era como uma “limpeza de chaminé”.

Breuer contou a Freud que dentro de dois anos sua paciente estaria totalmente curada, finalizou os relatos a respeito de seu tratamento em *Estudos sobre a histeria* (1893) e até estipulou uma data para o fim da análise, no entanto, o motivo real para o término do tratamento foi posteriormente relatado por E. Jones, em seu livro sobre a vida de Freud (1979) e pelo próprio Freud. A relação de transferência foi a causa do desfecho do tratamento por parte de Breuer, o componente amoroso esteve presente durante todo o processo terapêutico, mas sua existência foi rejeitada.

Observemos, tal como foi anunciado acima, o papel que joga a presença do analista nos progressos da análise. Eis, então, que estamos perante um campo que considera a subjetividade. O campo da fala, da linguagem, não poderia deixar de considerar esse aspecto como eixo central das elaborações.

O cientista afastado do seu objeto, aquele que guarda uma higiênica distância, não ficaria perturbado. Breuer, ao recusar os efeitos da transferência,

deixou cair a chave que poderia desvendar os mistérios por trás dos sintomas neuróticos. O caso Anna O. deu origem ao princípio técnico da psicanálise.

O legado de Freud conserva sua contemporaneidade, não apenas para trabalhar o patológico, pois, como já foi mencionado, a dicotomia normal-patológico ficará dissolvida, mas para pensar o campo da linguagem, ou melhor, os efeitos da linguagem.

Trazer uma síntese do contexto no qual surgiu a psicanálise é uma tarefa que traspassa os limites deste trabalho. Tentei esboçar algumas ideias e sublinhar, precisamente no ponto em que me referi à linguagem, o espaço de interseção dos campos que me convocam, a saber, tradução e psicanálise.

Se Freud é o pai da psicanálise, Jacques Lacan foi quem recuperou da sua doutrina seu elemento mais subversivo e vigente: a linguagem. A continuação farei uma breve nota biográfica sobre o psicanalista francês e, posteriormente, recuperando a ideia mencionada, tratarei, sem pretender exaustividade, o que a leitura da frase de Lacan “o inconsciente estruturado como uma linguagem”, me evocou.

1.2 Jacques Lacan

Filósofo e psicanalista francês, Jacques Marie Lacan nasceu em 13 de abril de 1901 em Paris, filho de comerciantes de vinagre, formou-se em medicina especializando-se em psiquiatria e, em 1932, defendeu sua tese de doutorado “A psicose paranoica em suas relações com a personalidade” mostrando seu interesse pela psicanálise. Lacan passou a se relacionar e se influenciar com o pensamento de vários intelectuais, no entanto aprofundou os conhecimentos sobre a obra Freudiana o que fez com que, em seu ensino, passasse a propor o retorno à Freud para que se resgatasse o sentido original que, para ele, a psicanálise havia perdido.

Lacan era um homem muito curioso, se interessava por diversas áreas do conhecimento e desenvolveu um trabalho de leitura que passa por diferentes áreas: a topologia, a linguística, a matemática, a teoria de conjuntos, a filosofia, etc. A proposta do retorno à Freud incluía fundamentalmente trazer de volta a questão da linguagem. O trabalho de Lacan é uma resposta aos desvios dos pós freudianos. Eles haviam reduzido a psicanálise ao que se conhece como psicologia do ego.

Seria interessante sublinhar que assim como Freud deixou como legado uma obra escrita, que podemos encontrar nos vinte e três volumes das obras completas, Lacan, dentro dessa proposta que ele chamou de “meu ensino”, trabalhou em função de construir uma discursividade de dois modos: a partir dos textos escritos, mas também aquilo que chamou de “seminários” orais, que no total são vinte e cinco.

Essa ideia interessa em relação à tradução porque, de alguma forma, a tradução é um tipo de escrita de palimpsesto, porque se está escrevendo sobre alguma coisa que alguém já falou em outro texto, que continua tendo as marcas do primeiro.

Quando me interessei pela psicanálise, passei a ler textos de comentadores de Freud, bem como textos do próprio Freud, como *O mal-estar na civilização* e *O inconsciente*. Já havia decidido elaborar um projeto onde fosse possível discutir a respeito da tradução e da psicanálise, mas não sabia como estabelecer uma relação entre os dois campos, até ter contato com obras de Jacques Lacan e ter um interesse maior a partir de sua premissa: “O inconsciente estruturado como uma linguagem”. Fiquei instigada com a ideia de o inconsciente estruturado como o objeto de trabalho de um tradutor, pois, mais especificamente, no meu trabalho, traduzo discursos que não são meus, enquanto que o objeto de trabalho de um psicanalista também é o discurso do outro.

1.3 O inconsciente estruturado como uma linguagem

A psicanálise atribui algumas ações humanas à interação de instâncias psíquicas do inconsciente, sobre o qual se tem pouco ou nenhum conhecimento, mas se sabe, ele é o saber insabido. A consciência por si só não é suficiente para entendermos os fenômenos da experiência.

Como apontado por Quinet (2011, p.9), “o inconsciente é uma hipótese a ser constantemente comprovada”. Freud já se opunha à premissa Cartesiana de que o sujeito existe como tal enquanto pensa, afirmando que é justamente no pensamento ausente onde o sujeito se faz presente.

A psicopatologia, ciência responsável pelo estudo e diagnóstico de doenças mentais, considera a pessoa humana como um indivíduo, a psicanálise compreende

o sujeito como sendo um lugar, o lugar do efeito do discurso, “aquele que por sua fala se faz existir” (SATHLER; REZENDE, 2008, p. 1.092).

Freud estabelece o inconsciente como sendo um sistema dinâmico, que tem leis e que comporta desejo, a respeito do qual o sujeito nem sempre quer saber. Diferente do que especulado pelo senso comum, o inconsciente não está nas profundezas; não é caótico; não é arbitrário; é regido por uma estrutura; ele opera e é constitutivo do humano, constitutivo porque tem o dom da linguagem. Eis a premissa lacaniana que melhor define o inconsciente: “O inconsciente estruturado como uma linguagem”.

Como já afirmado, Lacan utiliza diversas áreas do conhecimento para respaldarem seu ensino, como a topologia, a matemática a óptica e a linguística, e ainda propõe o retorno a Freud, para que se localizem seus conceitos prévios. Segundo Garcia-Roza, Freud define quatro mecanismos para a constituição dos sonhos, entre eles o deslocamento, onde, no conteúdo do sonho, há uma substituição de um elemento latente por outro mais remoto ou uma descentralização de importância; e a condensação, onde o conteúdo manifesto é menor que o conteúdo latente.

Lacan se fundamenta nesses dois mecanismos originalmente propostos por Freud e na linguística de Roman Jakobson para determinar as “leis do inconsciente”, em termos de metáfora e metonímia: a metáfora se caracteriza pela superposição de significantes e a metonímia, que é uma articulação de um significante ao outro por deslizamento, é a parte pelo todo.

Chama a cota inferior de “A aurora da linguística moderna” e coloca Ferdinand de Saussure como autor e chama a cota superior de “ponto de culminação da linguística moderna” associado ao nome de Roman Jakobson. (EIDELSZTEIN, 1995, p. 43)

De Saussure, Lacan retoma o signo e faz uma série de modificações, a mais importante é que coloca no lugar de primazia o significante. Saussure determinou a palavra como sendo um signo linguístico, ao qual atribui um significado (a coisa que a representa) e um significante (a imagem acústica). Uma das ideias centrais do inconsciente estruturado como uma linguagem é que o que interessa para o inconsciente é o significante, como podemos apreender da análise dos sonhos, proposta por Freud:

“Nosso primeiro passo no emprego desse método nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Quando digo ao paciente ainda novato: “Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho?”, seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os “pensamentos de fundo” dessa parte específica do sonho”. (FREUD, 1900, p. 99)

O mais importante em um sonho é o seu relato. É no discurso onde o sujeito se faz presente e se faz desenrolar as cadeias significantes que constituem seu inconsciente.

2. DIÁLOGOS ENTRE TRADUÇÃO E PSICANÁLISE

Como já mencionado, eu não sabia em quais aspectos era possível relacionar a tradução com a psicanálise. Influenciava-me pelo senso comum, acreditando que se tratava de fazer psicanálise do tradutor, considerando suas escolhas inconscientes, embora existam outros meios de se relacionar os dois campos, como disciplinas que trabalham com discursos e até mesmo com relação à transferência. O ato da tradução inevitavelmente implica transferir algo do tradutor para o texto, em psicanálise há que se manejar a transferência com o paciente. Sustentá-la é algo complicado, a transferência supõe renunciar as suas convicções e isso se dá tanto na psicanálise quanto na tradução. Não se pode ter muita autoconfiança nesses campos, pois a certeza pode ser um obstáculo que nos impede avançar no conhecimento.

Com este trabalho consegui entender q existem outros meios de se relacionar os dois campos. Um deles é traduzindo textos psicanalíticos. Outra forma é discutir a respeito de elementos, problemáticas, etc, que permeiam entre os dois campos.

Já tendo mencionado a complexidade do trabalho de Lacan e de Freud, ressalto que a psicanálise são seus textos e esses textos chegam até nós via tradução. Traduzir textos psicanalíticos também é uma forma de se vincular os dois campos, o que foi feito neste trabalho.

Dentro os estudos da tradução, muitas vezes costuma-se associar a psicanálise com a desconstrução, tal é o impacto que teve no Brasil as propostas da Rosemary Arrojo. No entanto, há outros autores que também incorporam direta ou indiretamente questões que dialogam com a psicanálise. Um desses autores é Antoine Berman, que, evidentemente, não menciona Lacan, mas faz uma proposta que dialoga bastante bem com algumas propostas da psicanálise lacaniana.

Não irei entrar em detalhes sobre esse assunto, porque me desviaria dos meus objetivos, no entanto, gostaria de apontar que na análise das tendências deformadoras, Berman menciona que elas podem ser trabalhadas em função de uma analítica que é, por um lado, cartesiana, mas por outro, psicanalítica.

Berman explica que a analítica das deformações deve ser considerada de duas formas, uma delas aponta o processo de análise das partes, sentido cartesiano, e outro propriamente psicanalítico. Sobre o sentido cartesiano,

embora não seja muito claro, podemos inferir que se trata de o método de *partes extra parte*.¹ (ESCALANTE, 2015, p. 33)

Berman (2009, p. 345) também atribui a psicanálise ao discurso da experiência, não como sendo algo vivido, pois está mais relacionado com a reflexão.

Ele é duplamente relacionado à tradução. Primeiro, porque está ligado a um texto fundador, o de Freud, cujo “destino da tradução” causa problema. Depois, porque o próprio Freud, algumas vezes, definiu em termos de tradução, de Übertragung, de transferência, que significa também “tradução” em alemão. Não há nem “psicanálise da tradução” nem “teoria psicanalítica” da mesma, mas um corpus crescente de reflexões tentando aprofundar a ligação de essência da psicanálise com o traduzir no âmbito de toda uma meditação sobre o sujeito, o inconsciente, a língua e a letra. (BERMAN, 2009, p. 345)

2.1 Alfredo Eidelsztein e El grafo del deseo

Alfredo Eidelsztein é um psicanalista argentino formado em psicologia pela Universidade de Buenos Aires em 1980. Doutor em psicologia clínica, se dedica aos estudos da psicanálise, é membro de diversas sociedades psicanalíticas, inclusive internacionais, já apresentou vários trabalhos em reuniões científicas e participa de conferências e jornadas, nacionais e internacionais, sobre os estudos da psicanálise.

Os capítulos que serão comentados neste trabalho, a partir da análise da tradução, serão de um de seus livros, o *El grafo del deseo*, publicado em Buenos Aires no ano de 1995 pela editora Manantial.

Esse livro reúne transcrições das aulas do curso de pós-graduação intitulado “*El grafo del deseo y la clínica psicoanalítica*”, realizado durante o ano de 1993, no “Programa de atualização em psicanálise lacaniana”. O grafo do desejo ocupa um lugar central no desenvolvimento da psicanálise realizada por Jacques Lacan e, segundo o autor, representam a primeira entrada sistemática da topologia na psicanálise.

Explicar o que é o grafo do desejo não é uma tarefa simples, inclusive em seu livro, Eidelstein (1995, p. 15) afirma que “Lacan nunca fala da coisa, fala sempre em

¹ Traduzido por Nayara Farias. Original: “Berman aclara que la analítica de las deformaciones debe ser concebida en dos sentidos, uno de ellos apunta al proceso de análisis de las partes, sentido cartesiano, y otro propiamente psicoanalítico. Sobre el sentido cartesiano, aunque no proporciona muchas luces, podemos suponer que se trata de método de partes extra parte”. (ESCALANTE, 2015, p. 33)

vias da coisa”. Não tenho a intenção de explicar o que é o grafo, mas de expor um trabalho desenvolvido em vias dele.

Como mencionado, Lacan utiliza elementos de diversas áreas em seu ensino, como a matemática, a óptica e os objetos da topologia. Neste livro, referido grafo é analisado em seus múltiplos aspectos.

O grafo do desejo é dividido em 15 capítulos, cada um com um título e abordando aspectos diferentes do grafo. O livro faz citações de diversos autores e, considerando que a metodologia da aula é o comentário, comenta-se de forma exaustiva os fragmentos citados.

Outras publicações

- *Otro Lacan* (2015)
- *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan* (1992, 1995, 2011)
- *Índice de definiciones y usos de términos sobre estructuras clínicas en la enseñanza de Lacan* (2000)
- *Las estructuras clínicas a partir de Lacan* (Vol. I 2001, 2008)
- *La pulsión respiratoria en psicoanálisis* (2004)
- *La topología en la clínica psicoanalítica* (2006)
- *Las estructuras clínicas a partir de Lacan* (Vol. II 2008, 2011)
- *The Graph of Desire* (2009)
- *Il grafo del Desiderio* (2015)

Como observamos na lista acima, o grafo ainda conta com uma tradução para o Inglês e para o Italiano.

3. METODOLOGIA

O primeiro contato que tive com o livro de Eidelzstein foi através da minha participação no projeto de estágio supervisionado de outros dois estudantes de Letras-Tradução, no segundo semestre de 2015, quando eu ainda cursava a matéria ministrada pela professora Alba Escalante, Pesquisa em Tradução. Foi a primeira parceria de estágio obrigatório supervisionado entre a Universidade de Brasília - UnB e a Escola Lacaniana de Psicanálise de Brasília – ELPB, incentivada pela própria professora. Fui convidada a participar do projeto já com o propósito de me aprofundar no campo psicanalítico, pois já tinha a intenção de desenvolver um trabalho onde fosse possível abordar os diálogos entre os campos da tradução e a psicanálise.

Neste projeto, trabalhei com os capítulos 1 e 2 e foi nesse momento em que comecei a me familiarizar com as características do livro que, como já mencionado, reúne as aulas do curso de pós-graduação intitulado “El grafo del deseo y la clínica psicoanalítica”, realizado durante o ano de 1993.

Por se tratar de transcrições, um dos primeiros critérios que adotamos para o início das traduções foi manter as características da oralidade, utilizando termos como “digo isso porque...” ou “bom...”.

Outro critério que foi estabelecido durante o estágio supervisionado foi com relação à intertextualidade, optamos por substituir, naquela oportunidade, as citações em espanhol por traduções já feitas. Posteriormente, devido alguns problemas que iam surgindo, até mesmo com relação à coerência, esse critério foi modificado.

Tive a oportunidade de trabalhar com O grafo do desejo sob duas perspectivas diferentes: a acadêmica e a profissional. Como aluna, minha postura com relação à tradução foi estritamente acadêmica, no entanto, devido o objetivo deste trabalho, não será descrita a metodologia adotada neste primeiro momento. No presente trabalho serão relatados os mais importantes procedimentos do processo tradutório já com uma postura profissional, obedecendo a critérios que foram sendo desenvolvidos de acordo com as dificuldades que surgiam.

3.1 Preparação do texto

Os dois capítulos objetos deste trabalho, foram lidos antes de serem traduzidos. O capítulo 6 foi lido e discutido com a prof. Dra. Alba Escalante, dessa forma, começamos a identificar os possíveis problemas de tradução. Posteriormente fiz o mesmo com o capítulo 7, li e identifiquei as possíveis problemáticas.

Foi decidido que fosse feita a tradução espelhada dos capítulos, ou seja, o texto fonte e o texto meta em um mesmo arquivo, as duas versões foram divididas e organizadas por parágrafos. Trabalhamos com o livro em formato PDF, sendo assim, era necessário copiar os trechos do original na ferramenta *word*, método que fez com que a formatação se desorganizasse, portanto, era necessário ser feita a revisão do texto fonte após essa conversão e antes de iniciar a tradução. Abaixo uma ilustração do procedimento:

TácaiB j ^ 3 dVleHe~que si j_a “Verdad concierne a la Realidad, lo hace en tanto introduce en ella su estructura de ficción.	Lacan nos advierte que si la Verdad concierne a la Realidad, lo hace en tanto introduce en ella su estructura de ficción.
--	---

3.2 Ferramentas de auxílio

Após a leitura e preparação do texto iniciei as pesquisas dos possíveis problemas de tradução, como termos que poderiam apresentar ambiguidades no texto meta e a identificação das citações, diretas e indiretas, que eram feitas no decorrer dos capítulos.

Como já mencionado, o texto psicanalítico não se prende à univocidade, é normal que a psicanálise utilize termos comuns do cotidiano injetando-lhes valores e sentidos diferentes dos estabelecidos em dicionários e na língua em uso. A experiência de traduzir textos psicanalíticos tem me ajudado a adotar a postura de leitora privilegiada e passar a desconfiar mais do que parece ser óbvio.

Uma das questões que me interessa mencionar é a cautela que se deve ter no uso das ferramentas de auxílio durante o processo tradutório de textos

psicanalíticos. O processo tradutório exigiu muita pesquisa em textos paralelos, devido principalmente às citações presentes no texto. Minhas pesquisas foram feitas com base em referenciais psicanalíticos e, mais precisamente, lacanianos. O uso do dicionário durante a tradução foi imprescindível, o Dicionário da Real Academia Espanhola e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa foram muito utilizados, no entanto, também procurei me respaldar em um corpus de obras de especialidade, como os Escritos de Lacan, que inclusive me ajudou a fazer algumas comparações, tendo em vista que tive acesso também às versões em espanhol e em francês.

Ferramentas eletrônicas disponíveis na internet também me auxiliaram durante as traduções, como o próprio *google tradutor*. O uso de ferramentas como esta requer uma atenção especial, pois nem sempre são capazes de identificar o contexto ao qual o termo procurado melhor se adequa.

Cabe ressaltar que o texto foi traduzido por partes, pois o cansaço pode fazer com que erros passem despercebidos, evitei, portanto, ficar por um longo período de tempo na atividade tradutória.

3.3 Revisão

Depois do texto todo traduzido foi primeiro feita uma auto-revisão, dessa forma, eu já corrigia alguns erros e inadequações antes de enviá-lo para a prof.^a. Alba Escalante e para o psicanalista Claudio Barra. Os dois me auxiliaram na revisão, corrigindo erros, sinalizando escolhas inadequadas e comentando a respeito de questões importantes que deveriam ser discutidas.

Depois de feitas suas observações, os capítulos revisados eram devolvidos para mim, para que eu fizesse as alterações necessárias. No entanto, a primeira versão da tradução era ainda submetida a outro procedimento, pois também pude contar com as observações feitas durante os encontros do grupo de estudos coordenado pelo Claudio Barra na Escola Lacaniana de Psicanálise de Brasília. Fui convidada a participar das atividades do grupo que iniciaram em fevereiro de 2016, cujo encontro é feito uma vez por semana, mais precisamente às terças-feiras. Os integrantes, cerca de quinze, passaram a estudar com o auxílio da tradução já revisada, entretanto, eram anotadas quaisquer observações e sugestões com relação às escolhas que surgissem no decorrer da leitura dos capítulos,

posteriormente eu analisava os comentários que fazia no próprio texto e realizava as modificações.

Cabe ressaltar que trabalhei inicialmente, durante o projeto dos alunos do estágio supervisionado, em 2015, com os capítulos 1 e 2. A partir do meu projeto de estágio, que também foi realizado em parceria com a ELPB, passei a traduzir o capítulo 6, já com a intenção de colaborar para os estudos do grupo, no entanto, tive mais dificuldades, devido à complexidade do conteúdo abordado no texto que, com o avanço dos capítulos, vai aumentando, apesar disso, as traduções sempre foram feitas em conjunto, o que proporcionou uma discussão constante de critérios de tradução, bem como pesquisas mais amplas.

4. TRADUÇÃO ESPELHADA DOS CAPÍTULOS 6 E 7 DE *EL GRAFO DEL DESEO*

SEIS IDEAL (l) – YO (m) – IDEAL (i) EL GRAFO 2	SEIS IDEAL (l) – EU (m) – IDEAL (i) O GRAFO 2
Hoy vamos a hacer un trabajo que nos va a permitir articular Ideal del yo y Yo ideal, tal como estas nociones son reelaboradas por Lacan a partir de la noción del Otro. Para eso vamos a analizar algunos párrafos de “Subversión del sujeto...” (Todas las citas de Lacan que usaré en este capítulo serán de “Subversión del sujeto...”) en los que Lacan plantea la lógica del grafo 2.	Hoje faremos um trabalho que nos permitirá articular Ideal do eu e Eu ideal, tal como estas noções são reelaboradas por Lacan a partir da noção do Outro. Para tanto, vamos analisar alguns parágrafos de “Subversão do sujeito...” nos que Lacan apresenta a lógica do grafo 2. Todas as citações de Lacan que usarei neste capítulo serão de “Subversão do sujeito...”
Observemos entre paréntesis que ese Otro distinguido como lugar de la Palabra no se impone menos como testigo de la Verdad (pág. 786).	Observemos, entre parênteses, que esse Outro distinguido como lugar da Fala, não se impõe menos como testemunha da Verdade (pág. 786) [821].
El Otro, entonces, no es exclusivamente lugar de la Palabra, es también testigo de la Verdad.	O Outro, então, não é exclusivamente lugar da Fala, é também testemunha da Verdade.
A esta altura de nuestro recorrido convendría que vayamos aplicando a los significantes del psicoanálisis la noción de “significante” que hemos desarrollado; y si bien ellos exigen una estructura conceptual, es decir, un sistema preciso de articulaciones, que es lo que se nos permite elaborar en la transmisión, no debemos perder de vista que, en la medida misma en que esos conceptos están sostenidos por significantes, por	Neste ponto do nosso percurso, já seria conveniente ir aplicando aos significantes da psicanálise a noção de “significante” que desenvolvemos. Apesar de exigirem uma estrutura conceitual, isto é, um sistema preciso de articulações, o que nos é permitido elaborar na transmissão, não devemos esquecer que, na medida em que esses conceitos são sustentados por significantes, por estrutura implicam ambigüidade.

estructura implican la ambigüedad.	
Digo esto porque otra nueva manera de plantear al Otro proviene, justamente, del cambio de contexto que hace Lacan de esa noción. Estamos tratando al “Otro” como significante -como significante que es -, y por lo tanto cobrará su significación a partir de los otros significantes de los que se diferencie en cada caso; y esos otros significantes, en la diacronía y en la sincronía, son el contexto de la noción en juego. El Otro será lugar de la Palabra o testigo de la Verdad, u otra cosa, en función del contexto que se escoja para definir su significado.	Digo isso porque uma outra forma de apresentar o Outro provém justamente da mudança de contexto que Lacan faz dessa noção. Estamos tratando o “Outro” como significante (como significante que é), e por isso cobrará sua significação a partir dos outros significantes dos quais se diferencie em cada caso. Esses outros significantes, na diacronia e na sincronia, são o contexto da noção em jogo. O Outro será o lugar da Fala ou testemunha da Verdade, ou outra coisa, em função do contexto escolhido para definir seu significado.
Cuando uno lee a Lacan tiene la sensación de que va cambiando casi todo el tiempo el significado de los términos que usa, y entonces uno no alcanza a terminar de cerrar, de entender lo que está planteando. Es que Lacan le asigna a sus nociones estatuto de significantes, y las usa como tales. Para leerlo y entenderlo es necesario resolver, vale decir, discriminar dentro de qué sistema de metáforas y metonimias se está localizando al significante en cuestión.	Quando lemos Lacan, temos a sensação de que o significado dos termos que usa muda quase o tempo todo, o que nos dificulta tirar conclusões definitivas a respeito do que está sendo colocado. Isso ocorre porque Lacan atribui às suas noções estatuto de significantes e as utiliza como tais. Para ler e entendê-lo é necessário fundamentar, melhor dizendo, localizar dentro de qual sistema de metáforas e metonímias se localiza o significante em questão.
En este caso hace falta pasar al problema de la verdad, la falsedad, la mentira, el engaño, etcétera.	Nesse caso, é importante passar pelo problema da verdade, da falsidade, da mentira, do engano, etc.
Sin la dimensión que constituye, el engaño de la Palabra no se distinguiría del fingimiento que, en la lucha combativa o la ceremonia sexual, es sin embargo bien diferente (pág. 786).	Sem a dimensão que o Outro constitui, o engano da Fala não se distinguiria do fingimento que, na luta combativa ou na exibição sexual é, no entanto, bem diferente dela (pág. 786) [821].
Ya aquí se está produciendo una	Aqui já se está produzindo uma oposição

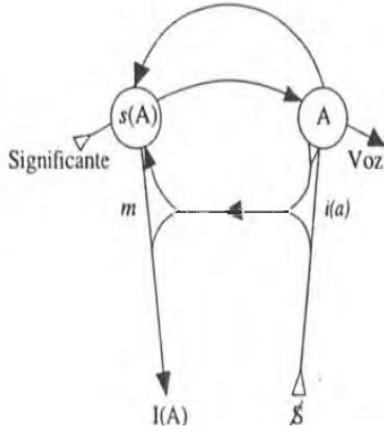
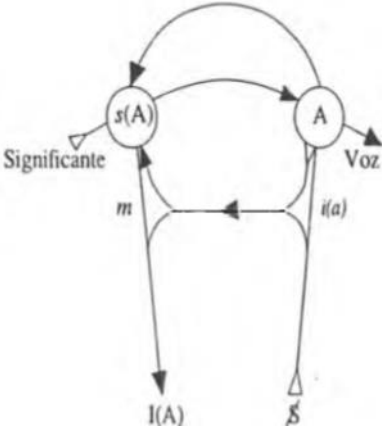
<p>oposición de registros que nos es absolutamente necesaria para poder oponer: Yo ideal-ideal del yo; me refiero a la oposición Verdad-fingimiento.</p>	<p>de registros que é absolutamente necessária para poder opor: Eu ideal – ideal do Eu, me refiro à oposição Verdade-fingimento.</p>
<p>Lo que Lacan nos propone es que dado que el Otro, Ha, es tanto lugar de la Palabra como testigo de la Verdad, no cabe duda de que Verdad y Palabra se articulan. Y si Verdad y Palabra se articulan, hay que distinguir muy bien esta articulación de la función del engaño.</p>	<p>O que Lacan nos propõe é que na medida em que o Outro, A, é tanto lugar da Fala como testemunha da Verdade, não há dúvidas de que Verdade e Fala se articulam. E se Verdade e Fala se articulam, é necessário distinguir bem esta articulação da função do engano.</p>
<p>Desplegándose en la captura imaginaria, el fingimiento se integra en el juego de acercamiento y de ruptura que constituye la danza originaria, en que esas dos situaciones vitales encuentran su escansión, y los participantes que ordenan según ella lo que nos atreveremos a llamar su dancidad. El animal por lo demás se muestra capaz de esto cuando está acosado; llega a despistar iniciando una carrera que es de engaño. Esto puede ir tan lejos como para sugerir en las presas la nobleza de honrar lo que hay de ceremonia en la caza. Pero un animal no finge fingir. No produce huellas cuyo engaño consistiría en hacerse pasar por falsas siendo las verdaderas [...] (pág. 787).</p>	<p>Manifestando-se na captura imaginária, o fingimento se integra no jogo de aproximação e ruptura que constitui a dança originária em que essas duas situações vitais encontram sua escansão, e nos parceiros que nelas se ordenam em sua, ousaríamos escrever, dancidade. O animal, aliás, mostra-se capaz disso ao ser acuado; consegue despistar, esboçando uma retirada que é um engano. Isso pode chegar a ponto de sugerir na presa a nobreza de honrar o que há na caça esportiva. Mas o animal não finge fingir. Não deixa rastros cujo engano consistiria em se fazerem tomar por falsos sendo verdadeiros (...) (pág. 787) [822].</p>
<p>Justamente, la clave de la Verdad humana es que puede hacerse pasar por falsa. Lo que el animal no puede hacer es fingir que finge, hacer pasar por falsas, huellas efectivamente verdaderas.</p>	<p>Justamente, a chave da Verdade humana é que pode se fazer passar por falsa. O que o animal não pode fazer é fingir que finge, fazer com que se passem por falsos, rastros efetivamente verdadeiros.</p>
<p>¿Cuál es el dispositivo que permite hacer pasar por falsas, huellas verdaderas?,</p>	<p>Qual é o dispositivo que permite fazer passar por falsos rastros verdadeiros?</p>

<p>¿cuál es el dispositivo más típico para que alguien desconfíe de las huellas verdaderas? Hacerlas, por ejemplo, muy evidentes, muy obvias. Decir que uno va a Cracovia, para hacer creer que va a Lemberg, cuando en realidad...</p>	<p>Qual é o dispositivo mais típico para que alguém desconfie dos rastros verdadeiros? Por exemplo, fazer com que eles sejam mais evidentes, mais óbvios. Dizer que alguém irá a Cracóvia para lhe fazer acreditar que irá a Lemberg, quando na realidade...</p>
<p>El engaño, entonces, en el mundo humano, se produce, por ejemplo, exagerando lo verosímil de lo verdadero.</p>	<p>O engano, portanto, no mundo humano, se produz, por exemplo, exagerando o verosímil do verdadeiro.</p>
<p>[...] es decir las que darían la buena pista. Como tampoco borra sus huellas, lo cual sería ya para él hacerse sujeto del significante (pág. 787).</p>	<p>[...] isto é, quando são os que dariam a pista certa. Tampouco apaga seus rastros, o que já seria, para ele, fazer-se sujeito do significante. (pág. 787) [822].</p>
<p>El animal, dice Lacan, finge cuando está acosado (léase: cuando hay otro que es su predador); lo que no podría hacer jamás es fingir fingir, lo que supone el cálculo de un sujeto respecto de otro sujeto capaz de calcular. Y luego agrega algo sutil: que borrar sus propias huellas y dar, producir huellas falsas, lo convertiría en sujeto del significante. Es Robinson Crusoe que borra las huellas de Viernes; un sujeto que cree estar absolutamente solo en una isla encuentra en la playa, en un determinado momento, una huella humana, la de aquel que llamará "Viernes". Pero lo increíble es que lo primero que hace Robinson Crusoe al descubrir esas huellas del Otro, es borrarlas. Noten que es una maniobra absolutamente inútil; si esas huellas connotan la presencia de un posible peligro para él, ¿de qué podría servirle el hecho de borrarlas? Esta maniobra de</p>	<p>O animal, afirma Lacan, finge quando está acuado (quando há um outro que é seu predador); o que não poderia fazer jamais é fingir fingir, o que supõe o cálculo de um sujeito a respeito de outro sujeito capaz de calcular. E depois acrescenta algo sutil: que apagar seus próprios rastros e dar, produzir vestígios falsos, o converteria em sujeito do significante. É Robinson Crusoe que apaga as pegadas de Sexta-feira. Um sujeito que acredita estar absolutamente sozinho em uma ilha encontra na praia, em um determinado momento, uma pegada humana, rastro daquele que passará a chamar de "Sexta-feira". O incrível é que a primeira reação de Robinson Crusoe ao descobrir as pegadas do Outro, é apaga-las. Notem que é uma manobra absolutamente inútil. Se essas pegadas evidenciam a presença de um possível perigo para ele, do que</p>

<p>borrar las huellas del Otro implica, metaforizado, lo que nosotros llamamos la barra que cae sobre el sujeto, ya que no niega la existencia del Otro, sino que el sujeto, de la manera más manifiesta, no quiere saber nada de ello.</p>	<p>adiantaria apaga-las? Esta manobra de apagar as pegadas do Outro implica, metaforicamente, o que chamamos a barra que cai sobre o sujeito, já que não nega a existência do Outro, mas que o sujeito, da maneira mais manifesta, não quer saber nada a seu respeito.</p>
<p>Todo esto no ha sido articulado sino de manera confusa por filósofos sin embargo profesionales. Pero es claro que la Palabra no comienza sino con el paso del fingimiento al orden del significante [...] (pág. 787).</p>	<p>Tudo isso foi apenas confusamente articulado por alguns filósofos, ainda que profissionais. Mas está claro que a Fala só começa com a passagem do fingimento à ordem do significante [...] (pág. 787) [822].</p>
<p>La traducción al castellano no dice ahí “fingimiento”, dice “ficción”; el problema es, precisamente, que Lacan reserva a la noción de ficción para presentar la estructura de la Verdad como propiamente simbólica. Además, notarán luego ustedes que en este mismo texto, un párrafo después, aparece la palabra “ficción”, pero esta vez ocupando su lugar correcto.</p>	<p>A tradução para o castelhano não diz “fingimento” [fingimiento], diz “ficção” [ficción], o problema é, precisamente, que Lacan delimita a noção de ficção para apresentar a estrutura da Verdade como propiamente simbólica. Além disso, depois vocês vão perceber que nesse mesmo texto, um parágrafo depois, aparece a palavra “ficção” [ficción], mas desta vez ocupando seu lugar correto.</p>
<p>[...] y que el significante exige otro lugar - el lugar del Otro, el Otro testigo, el testigo Otro que cualquiera de los participantes- para que la Palabra que soporta pueda mentir, es decir plantearse como Verdad.</p>	<p>[...] e que o significante exige outro lugar – o lugar do Outro, o Outro testemunha, o testemunha Outro que não qualquer um dos participantes – para que a Fala que ele sustenta possa mentir, isto é, colocar-se como Verdade (pág. 787) [822].</p>
<p>Se dan cuenta de que si en algo responde la estructura de la Verdad a la estructura del significante, justamente es que para mentir se postula como verdadera, y cualquier palabra que se diga verdadera, aunque sea la falsa, debe decir de sí que no es mentirosa.</p>	<p>Vocês percebem que, se em algum aspecto a estrutura da Verdade responde à estrutura do significante, é justamente que para mentir se postula como verdadeira, e qualquer palavra que se diga verdadeira, ainda que seja a falsa, deve-se dizer que não é mentirosa.</p>

<p>Así, es de un lugar otro que la Realidad a la que concierne de donde la Verdad saca su garantía.</p>	<p>Assim, é de outro lugar que não o da Realidade concernida pela Verdade que esta extrai sua garantia [...] (pág. 787) [822].</p>
<p>La Verdad obtiene su garantía de un lugar otro - el Otro lugar- que de la Realidad. Acá Lacan está polemizando la noción de verdad como adecuación (<i>adaequatio rei et intellectus</i>), adecuación de lo que se dice con lo que es dicho; ésa es la noción escolástica de verdad: un dicho es verdadero si coincide con aquello que en la realidad es de lo que habla. Y Lacan la refuta. Si bien la Verdad concierne a la Realidad, no obtiene su garantía de la adecuación, sino de la función de la Palabra.</p>	<p>A Verdade obtém sua garantia de um lugar outro – o Outro lugar – que não da Realidade. Aqui Lacan está polemizando a noção de verdade como adequação (<i>adaequatio rei et intellectus</i>), adequação do que se diz com o que é dito. Trata-se da noção escolástica de verdade: um dito é verdadeiro se coincide com aquilo que na realidade é do que fala. Lacan a refuta. Se a Verdade concerne à Realidade, não obtém sua garantia da adequação, mas da função da Fala.</p>
<p>Como es también de ella – de la Palabra - de quien recibe esa marca que la instituye en una estructura de ficción.</p>	<p>Como é também dela [da Fala] de quem recebe essa marca que a institui em uma estrutura de ficção (pág. 787) [822].</p>
<p>Entonces, si la Verdad obtiene de la Palabra su garantía, esa garantía será la del significante, y recordemos que la estructura del significante es al menos ambigua. Entonces, la Verdad no puede sino remitir a la mentira y la mentira a la Verdad (la estructura dual del <i>fort-da</i>, en este contexto, del grafo 1).</p>	<p>Então, se a Verdade obtém da Fala sua garantia, essa garantia será a do significante, e não devemos esquecer que a estrutura do significante é no mínimo ambígua. Assim sendo, a Verdade não pode não se referir à mentira e a mentira à Verdade (a estrutura dual do <i>fort-da</i>, no contexto do grafo 1).</p>
<p>El hecho de que de la estructura de la Palabra se constituye la Realidad, ya lo comentamos con una cita de Saussure en una de las clases anteriores; pero hoy vuelvo a traerles la cita porque quiero que noten que esta noción de Realidad que maneja el psicoanálisis no es exclusiva del psicoanálisis.</p>	<p>Nas aulas anteriores, a propósito de uma citação de Saussure, comentamos sobre o fato de que pela estrutura da fala se constitui a Realidade, mas hoje volto a mencioná-la porque quero que percebam que essa noção de Realidade que permeia a psicanálise não é exclusiva dela.</p>

<p>En su Curso de lingüística general Saussure dice:</p>	<p>No seu Curso de linguística geral Saussure afirma:</p>
<p>El signo lingüístico es, pues, una entidad psíquica de dos caras. [...] Estos dos elementos -concepto e imagen acústica- están íntimamente unidos y se reclaman recíprocamente [...] Las vinculaciones consagradas por la lengua son las únicas que nos aparecen conformes con la Realidad.</p>	<p>O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos – conceito e imagem acústica - estão intimamente unidos e um reclama o outro. [...] as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes à realidade (págs. 106-107) [80]</p>
<p>Acá tenemos otra idea de adecuación. Saussure plantea que lo único que se nos aparece conforme con la Realidad es la concordancia con aquello que nuestra lengua nos propone como relacionado por concepto e imagen acústica, entre significado y significante. De modo que, para Saussure, la Realidad también será una función dependiente de la articulación del lenguaje.</p>	<p>Aqui temos outra ideia de adequação. Saussure considera que a única coisa que aparece para nós em conformidade com a Realidade é a concordância com aquilo que nossa língua nos propõe como relacionado por conceito e imagem acústica, entre significado e significante. De modo que, para Saussure, a Realidade também será uma função dependente da articulação da linguagem.</p>
<p>Lacan nos advierte que si la “Verdad concierne a la Realidad, lo hace en tanto introduce en ella su estructura de ficción. Toda palabra que se postule como verdadera lo que intenta decir es que no es mentirosa. La única forma de que la Verdad pueda sostenerse como verdadera es articulándose a la mentira. Esa es la única garantía para la Verdad, y es, dijimos ya, una garantía paradójica.</p>	<p>Lacan nos adverte que se a Verdade concerne à Realidade, o faz na medida em que nela introduz sua estrutura de ficção. Toda palavra que se postule como verdadeira, o que tenta dizer é que não é mentirosa. A única forma de que a Verdade possa se sustentar como verdadeira é se articulando à mentira. Essa é a única garantia para a Verdade e é, como já dissemos, uma garantia paradoxal.</p>
<p>Pasemos a trabajar ahora al I(A) en el grafo 2:</p>	<p>Vamos agora trabalhar com o I(A) no grafo 2:</p>

 <p>Esquema n° 1</p>	 <p>Esquema n° 1</p>
<p>articulándolo a la siguiente cita de “Subversión del sujeto...”:</p>	<p>articulando-o à seguinte citação de “Subversão do sujeito...”:</p>
<p>Lo dicho primero decreta, legisla, “aforiza”, es oráculo, confiere al otro real su oscura autoridad.</p>	<p>O dito primeiro decreta, legisla, “aforiza”, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade.</p>
<p>Tomemos solamente un significante como insignia de esa omnipotencia, lo cual quiere decir de ese poder todo en potencia, de ese nacimiento de la posibilidad, y tendremos el rasgo unario que, por colmar la marca invisible que el sujeto recibe del significante, aliena a ese sujeto en la identificación primera que forma el ideal del yo (pág. 787).</p>	<p>Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade, e vocês terão o traço unário, que, por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu (pág. 787) [822].</p>
<p>Entramos en una zona teórica en la que tenemos que movernos con mucha precisión, ya que debemos oponer la noción freudiana de ideal del yo a la lacaniana, porque no son idénticas. La fórmula I(A) misma trae el problema de su lectura: ¿hay que leerla como “Ideal del yo” o como “Ideal del Otro (A)”?</p>	<p>Entramos em uma zona teórica na qual devemos andar com muita precisão, visto que devemos opor a noção freudiana de ideal do eu à noção lacaniana, porque não são idênticas. Até mesmo a fórmula I(A) apresenta o problema de sua leitura: é necessário ler como “Ideal do eu” ou como “Ideal do Outro (A)”?</p>
<p>La fórmula I(A) implica tomar un significante del Otro, que al aislarlo y hacerlo representar el Uno (I) provee al</p>	<p>A fórmula I(A) implica em tomar um significante do Outro que, ao isola-lo e fazê-lo representar o Um (I), fornece ao</p>

<p>Otro (A) de omnipotencia, de la omnipotencia con la que creemos que está investido quien encarna el lugar del Otro. Si I(A) es un significante del Otro, el ideal simbólico podría ser leído como “Uno de (A)”. Me refiero a que podemos tomar al “I”, ya no como la primera letra de la palabra “ideal”, sino como el 1 de los números romanos, el “I” como Uno del Otro, I[1] de (A).</p>	<p>Otro (A) a onipotência, com a qual acreditamos que está investido quem encarna o lugar do Outro. Se I(A) é um significante do Outro, o ideal simbólico poderia ser lido como “Um de (A)”. Estou me referindo ao fato de podermos considerar o “I” já não mais como a primeira letra da palavra “ideal”, mas como o 1 dos números romanos, o “I” como Um do Outro, I[1] de (A).</p>
<p>Para la lógica de cualquier dicho, aunque sea el dicho primero, están siempre implicados emisor y receptor; es decir, implica siempre dos: el sujeto y el Otro. A su vez ningún significante por estructura deja de representar al sujeto frente a otro significante. El Otro encarna el lugar de la Palabra y de ese lugar, recibe su poder, y hay un desplazamiento que es, precisamente, el traspaso del poder de la palabra a quien ocupa ese lugar, mediante el aislamiento de un significante que lo convierte en el Uno del significante.</p>	<p>Para a lógica de qualquer dito, mesmo que seja o dito primeiro, sempre estão envolvidos emissor e receptor, ou seja, implica sempre dois: o sujeito e o Outro. Por sua vez, nenhum significante por estrutura deixa de representar o sujeito diante de outro significante. O Outro encarna o lugar da Fala e desse lugar recebe seu poder e há um deslocamento que é, precisamente, uma transferência do poder da Fala para quem ocupa esse lugar, mediante o isolamento de um significante que o transforma no Um do significante.</p>
<p>Si hay palabra, hay cuestiones de poder; mientras que si no hay palabra, en los animales por ejemplo, los problemas son de fuerza. En la continuación de la enseñanza de Lacan esta función del Uno en relación con el poder será elaborada en torno de la noción de “significante amo” con la que será revestido el S_1 ¿Por qué dice Lacan que es oscuro ese poder? Porque es el poder que está inscrito con un solo significante, y todo lo que sea de la índole de un significante aislado,</p>	<p>Se há palavra, há questões de poder enquanto que, se não há palavra, nos animais, por exemplo, os problemas são de força. Na continuação do ensino de Lacan esta função do Um em relação com o poder será elaborada em torno da noção de “significante mestre” com que será revestido o S_1. Por que Lacan afirma que esse poder é obscuro? Porque é o poder que está inscrito com um só significante e tudo aquilo que seja da índole de um significante isolado, sempre</p>

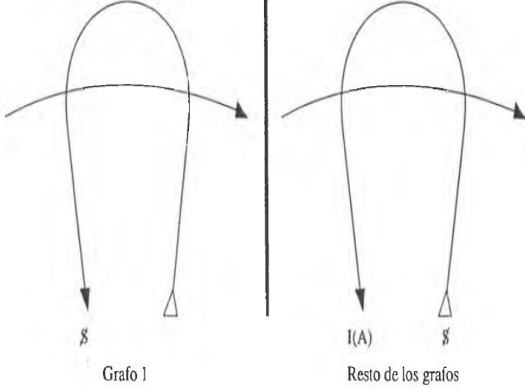
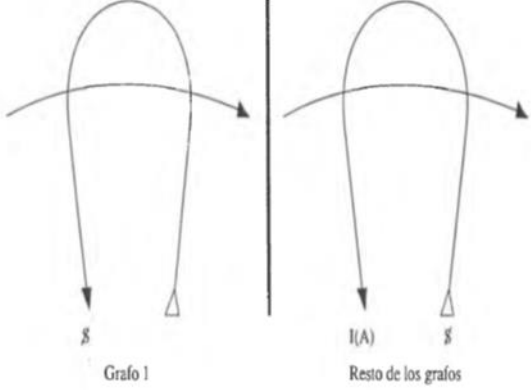
<p>siempre será absolutamente oscuro, ya que no se diferencia de ningún otro, que funcionando como S2 lo aclararía. El problema estriba en que para esclarecer este poder del Uno habría que ponerle otro significativo, y ya no sería "el Uno". Vale decir que, apenas deja de ser oscuro el poder del Uno, deja de ser omnipotente, porque necesita del Otro, de otro significativo. Se entiende, entonces, que la función de omnipotencia inscrita con el Uno tiene que ser oscura necesariamente para poder ser omnipotente.</p>	<p>será absolutamente oscuro, já que não se diferencia de nenhum outro que, funcionando como S₂, permitiria seu esclarecimento. O problema está em que, para esclarecer este poder do Um, seria necessário articulá-lo a outro significativo, e já não seria "o Um". Podemos dizer que apenas deixa de ser obscuro o poder do Um, deixa de ser onipotente, porque precisa do Outro, de outro significativo. Entende-se, então, que a noção de onipotência inscrita com o Um tem que ser obscura, necessariamente, para poder ser onipotente.</p>
<p>Es necesario que no pierdan de vista que estamos comentando el grafo 2, y no el grafo 4, que es el completo; en realidad estamos trabajando una parte o un aspecto del grafo completo. En el grafo completo observen el punto de entrecruzamiento de arriba a la izquierda, S(A), y el punto final de abajo a la izquierda, I(A). Partimos de S(A), la inscripción de la falta en el Otro, y llegamos a I(A), que dice del Otro, A, que no está tachado (el recorrido del lado izquierdo del grafo completo).</p>	<p>É necessário que não se esqueçam de que estamos comentando o grafo 2, e não o grafo 4, que é o completo. Na realidade estamos trabalhando uma parte ou um aspecto do grafo completo. No grafo completo, observem o ponto de entrecruzamento de cima à esquerda, S(A), e o ponto final de baixo à esquerda, I(A). Partimos de S(A), a inscrição da falta no Outro, e chegamos a I(A), que diz do Outro, A, que não está barrado (o percurso do lado esquerdo do grafo completo).</p>

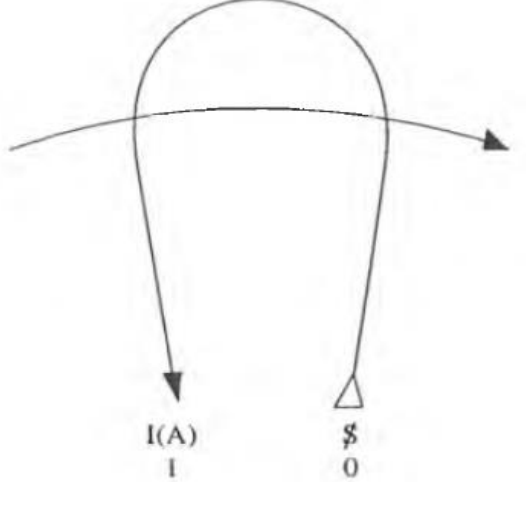
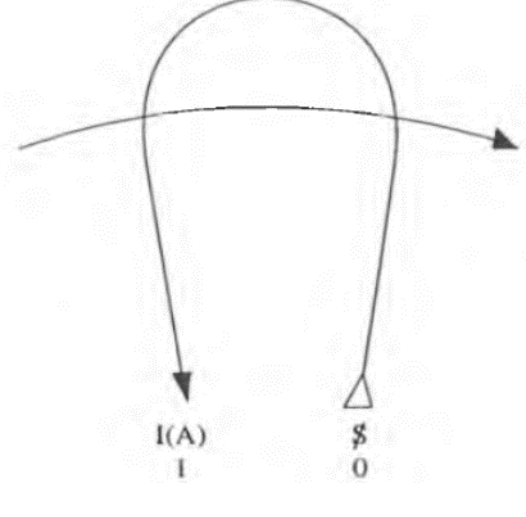
<p>Esquema nº 2 Grafo completo</p>	<p>Grafo Completo <i>Esquema nº 2</i></p>
<p>En el sistema de relaciones del grafo del deseo, uno del Otro, I(A), funciona como inscripción de la omnipotencia, en relación con el significante de la falta en el Otro, S(A).</p>	<p>No sistema de relações do grafo do desejo, um do Outro, I(A), funciona como inscrição da onipotência, em relação com o significante da falta no Outro, S(A).</p>
<p>Ahora bien, si I es un significante, que Lacan propone que tomemos como insignia, ¿por qué el matema no es S(A)? Si Lacan hubiese sido "razonable" debería haber escrito S(A) arriba y S(A) abajo. El problema es que cuando es uno y sólo uno, no es todavía un significante, es, por así decirlo, una insignia. Para ser significante, significante uno, debería haber sido S₁ pero S₁ ya está remitiendo a S₂ y ya no permite inscribir la omnipotencia del Uno.</p>	<p>Então, se I é um significante, que Lacan propõe que consideremos como insígnia, por que o matema não é S(A)? Se Lacan tivesse sido "racional" deveria ter escrito S(A) acima e S(A) embaixo. O problema é que quando é um e apenas um, não é ainda um significante, é, assim dizendo, uma insígnia. Para ser significante, significante um, deveria ter sido S₁, no entanto, S₁ já está remetendo a S₂ e já não permite inscrever a onipotência do Um.</p>
<p>Ésta es la clave terapéutica para que los sujetos puedan vivir una relación más tranquila con el ideal del yo, hacerlo S₁ de algún S₂ o viceversa.</p>	<p>Esta é a chave terapêutica para que os sujeitos possam viver uma relação mais tranquila com o ideal do eu, fazê-lo S₁ de algum S₂, ou vice-versa.</p>

<p>Escribiendo I(A), Uno del Otro, Lacan produce una doble alteración de las nociones freudianas tal como aparecen, por ejemplo, en el capítulo 3 de “Introducción del narcisismo”. Freud dice que el ideal del yo está compuesto por “representaciones culturales y éticas”, la causa fundamental de la represión. Lacan dice que el problema no está ahí, que eso es “malestar en la cultura”; el problema se plantea cuando de la representación se hace “Uno”. Eso por un lado. Y por otro, Lacan plantea también que lo que se inscribe no es la omnipotencia del yo sino la omnipotencia del Otro; mientras que en los posfreudianos se acentúa el narcisismo del sujeto, facilitado quizá por el nombre dado por Freud a esa función: “del yo”. Sin embargo en “Introducción del narcisismo”, donde los ideales son los herederos del narcisismo primario, se lee con total claridad que éste es, a su vez, el destinatario del narcisismo de los padres. Freud escribió: “<i>His Majesty the Baby</i>”, sus continuadores leyeron: “<i>I, the Majesty</i>”.</p>	<p>Escrevendo I(A), Um do Outro, Lacan produz uma dupla alteração das noções freudianas tal como aparecem, por exemplo, no capítulo 3 de “Introdução ao narcisismo”. Freud afirma que o ideal do eu está composto por “representações culturais e éticas”, a causa fundamental do recalque. Por um lado, Lacan afirma que o problema não está aí, que isso é “mal-estar na cultura”, o problema surge quando da representação se faz “Um”. Por outro, Lacan sustenta também que o que se inscreve não é a onipotência do eu, mas a onipotência do Outro, enquanto que nos pós-freudianos se acentua o narcisismo do sujeito, facilitado talvez pelo nome dado por Freud a essa função: “do eu”. No entanto, em “Introdução ao narcisismo”, onde os ideais são os herdeiros do narcisismo primário, se lê com total clareza que este é, por sua vez, o destinatário do narcisismo dos pais. Freud escreveu: “<i>His Majesty the Baby</i>”, seus percursos leram: “<i>I, the Majesty</i>”.</p>
<p>En la cita anterior corregí el verbo “enajena” de la traducción al castellano por “aliena” que es lo que figura en francés. Es necesario hacer esta corrección dado que trabajar la noción de “ideal del yo” como “ideal del Otro” nos permite introducir la noción de alienación (la que va a tener un estatuto conceptual muy fuerte en el Seminario 11 en el interior del par alienación/separación).</p>	<p>No excerto anterior corrigi o verbo “<i>enajena</i>” da tradução ao castelhano por “aliena” que é o que estabelece o sentido dado no francês. É necessário fazer essa correção tendo em vista que trabalhar a noção de “ideal do eu” como “ideal do Outro” nos permite introduzir a noção de alienação (que vai ter um estatuto conceitual muito forte no Seminário 11 quando se aborda o par</p>

	alienação/separação).
¿Por qué tiene un estatuto conceptual tan fuerte la noción de alienación en enseñanza de Lacan? Porque, justamente, el sujeto se identifica con el uno del Otro, y el problema es que eso da una identidad muy paradójica, da una identidad alienante, porque es del Otro (“Alio”, de “alienación”, en latín significa “otro”).	Por que tem um estatuto conceitual tão forte a noção de alienação no ensino de Lacan? Porque o sujeito se identifica justamente com o um do Outro, e o problema é que isso dá uma identidade muito paradoxal, uma identidade alienante, porque pertence ao Outro (“Alio”, de “alienação”, em latim significa “outro”).
Noten que ya la identificación primaria, así entendida, está fundada en la lógica de la alienación; la identificación primaria dice que no a la noción de identidad consigo mismo. Efecto estructural del significante.	Observem que a identificação primária, assim entendida, está fundada na lógica da alienação; a identificação primária diz que não à noção de identidade consigo mesma. Efeito estrutural do significante.
Ésto lo podemos ver bastante bien ya en Freud. En el capítulo 3 de “Introducción del narcisismo”, Freud indica con toda claridad que las representaciones culturales y éticas se introyectan, a diferencia del yo ideal, que se proyecta sobre los objetos; la lengua es del Otro y debe ser, consecuentemente, introyectada. Si el sujeto se identifica a eso no podrá escapar nunca de la alienación. A ese momento de constitución subjetiva, Lacan lo llama momento 1, y a la separación, la llama momento 2.	Podemos achar essa questão em Freud. No capítulo 3 de “Introdução ao narcisismo”, ele indica claramente que as representações culturais e éticas se introjetam, diferentemente do eu ideal, que se projeta sobre os objetos; a língua é do Outro e, conseqüentemente, deve ser introjetada. Se o sujeito se identifica com isso não poderá escapar nunca da alienação. Esse momento de constituição subjetiva Lacan o chama de momento 1, e a separação é chamada de momento 2.
Aunque “momento 1” relativamente, porque Lacan nos avisa que el ideal del Otro - I (A) - viene a ocupar el lugar de la marca invisible dejada por el significante en el sujeto; comparen, si no, el grafo 1 con el grafo 2 , y verán la sustitución del \$	Embora que “momento 1” relativamente, porque Lacan nos avisa que o ideal do Outro – I (A) – vem ocupar o lugar da marca invisível deixada pelo significante no sujeito. Comparem o grafo 1 com o grafo 2 e verão a substituição do \$ como

<p>cómo lugar de arriba en el grafo 1 y de partida en todos los otros (esquema nº 3).</p>	<p>lugar de chegada no grafo 1 e de partida em todos os outros (esquema nº 3).</p>
<p>¿Dónde se puede ver, en el grafo 1, que el sujeto atravesó la lógica del significante que es la que condena a la alienación? ¿Por qué escribimos \$ en el grafo 1?</p>	<p>Onde é possível ver, no grafo 1, que o sujeito atravessou a lógica do significante que é a que condena à alienação? Por que escrevemos \$ no grafo 1?</p>
<p>Porque ya está ahí la lógica del “al menos dos significantes”, en los dos puntos de entrecruzamiento. Frente a los dos significantes, el sujeto recibe la marca propia del significante. ¿Y cuál es esa marca propia? El “<i>fading</i>”. Si en “el gato hace guau guau”, se despega al animal de su grito, el sujeto también pierde su ser de animal en esta misma maniobra y ya tenemos el lugar marcado por una falta. De ese lugar marcado por una falta, que es el lugar del \$, el ideal del yo viene a rescatarlo, y es por eso que viene a ocupar el lugar que tenía el sujeto en el grafo 1, en el grafo 2.</p>	<p>Porque aí já está a lógica do: “ao menos dois significantes”, nos dois pontos de entrecruzamento. Diante dos dois significantes, o sujeito recebe a marca própria do significante. E qual é essa marca própria? O “<i>fading</i>”. Se em “o gato faz au au” se descola o animal de seu grito, o sujeito também perde seu ser de animal nessa mesma manobra e então teremos o lugar marcado por uma falta. Desse lugar marcado por uma falta, que é o lugar do \$, o ideal do eu vem resgatá-lo e é por isso que vem a ocupar o lugar que tinha o sujeito no grafo 1, no grafo 2.</p>
<p>¿Cómo hace el ideal para salvar, rescatar, al sujeto que quedó en el entre dos, y con la nada que hay en el entre dos? Si agregásemos otro, un tercero S_3, no ganaríamos nada, sólo multiplicar los entredós. Si corriésemos el S_1 (como en <i>La carta robada</i>, donde se ve con claridad que debido a los cortes sucesivos se va desplazando la función “S_1” sobre los distintos significantes de la cadena) tampoco ganaríamos nada. ¿Cómo entonces? Haciendo que es uno, negando que sean al menos dos, que es lo que dice el I(A).</p>	<p>Como faz o ideal para salvar, resgatar o sujeito que ficou no entre dois, e com o nada que há no entre dois? Se acrescentássemos outro, um terceiro - S_3, não ganharíamos nada, apenas multiplicar os entre dois. Se movimentarmos o S_1 (como em <i>A carta roubada</i>, onde se vê com clareza que, devido aos cortes sucessivos, vai se deslocando a função “S_1” sobre os diferentes significantes da cadeia) também não ganharíamos nada. Como então? Fazendo com que seja um, negando que sejam ao menos dois, que é o que diz o I(A).</p>

 <p>Esquema nº 3</p>	 <p>Esquema nº 3</p>
<p>Preguntémonos respecto del sujeto, que a consecuencia de enfrentar la lógica del 2 queda barrado en el medio y es rescatado por el 1: ¿qué dice este uno del Otro? ¿qué dice I(A) de A? Dice que es uno; y por eso no lo escribe barrado, porque es la única forma de la omnipotencia que puede rescatar al sujeto (lo único que garantiza que el uno es uno, que él es uno). De lo que se trata, entonces, es de la lógica del uno; ésa es la función fundamental del ideal. Del uno de la totalidad a distinguir del uno de la cuenta, del “uno más uno”, que es otra función muy distinta del uno.</p>	<p>Questionemo-nos a respeito do sujeito que, em consequência de enfrentar a lógica do 2, fica dividido ao meio e é resgatado pelo 1: o que diz este um do Outro? O que diz I(A) de A? Diz que é um e por isso não o escreve barrado, porque é a única forma da onipotência que pode resgatar o sujeito (o único que garante que o um é um, que ele é um). Trata-se então da lógica do um, essa é a função fundamental do ideal. Do um da totalidade que deve ser distinguido do um da conta, do “um mais um”, que é outra função muito diferente do um.</p>
<p>La propuesta, tanto de Freud como de Lacan, es que la cura analítica debe ir más allá de los ideales. El problema es cómo sabemos que efectivamente estamos yendo más allá de los ideales en una cura; porque es bien fácil confundir una mera sustitución de una representación por otra en el lugar del ideal, como si fuera un abandono efectivo del ideal como lugar de fijación del sujeto. Lo que define al ideal como tal es la</p>	<p>A proposta, tanto de Freud como de Lacan é que a cura analítica deve ir além dos ideais. O problema consiste em saber se, efetivamente, estamos indo além dos ideais em uma cura, porque é muito fácil confundir uma simples substituição de uma representação por outra no lugar do ideal, como se fosse um abandono efetivo do ideal como lugar da fixação do sujeito. O que define o ideal enquanto tal é a dialética na que se desdobra; essa é a</p>

<p>dialéctica en la que se despliega; esa dialéctica es la del uno.</p>	<p>dialética do um.</p>
<p>Ahora quisiera, en derredor del comentario sobre el grafo 2, proponerles otra dimensión del problema del Uno. En lugar de pensar, como solemos hacerlo, que el sujeto queda atrapado exclusivamente entre uno y uno, un significante es lo que representa a un sujeto frente a otro significante, Lacan nos propone que pensemos que el sujeto, en rigor, queda atrapado también entre cero (\$) y uno I(A), que es en parte lo que enseña el grafo 2. Estamos habituados a pensar que el sujeto siempre queda entre un significante y otro significante, pero también hay que pensarlo entre \$ e I(A), entre 0 y 1, esto está inscrito en el grafo 2 (Pero plenamente desarrollado en el <i>Seminario 12, Problemas cruciales del psicoanálisis</i>). Visible así en el grafo:</p>	<p>Agora, em torno do comentário a respeito do grafo 2, gostaria de propor outra dimensão do problema do Um. Ao invés de pensar, como costumamos fazer, que o sujeito fica preso exclusivamente entre um e um, um significante é o que representa um sujeito para outro significante. Lacan nos propõe que pensemos que o sujeito, a rigor, fica constituído também entre zero (\$) e um I(A) que é, em parte, o que ensina o grafo 2. Costumamos pensar que o sujeito sempre fica entre um significante e outro significante, mas também é preciso imaginá-lo entre \$ e I(A), entre 0 e 1, isso está inscrito no grafo 2 (plenamente desenvolvido no Seminário 12, <i>Problemas cruciais da psicanálise</i>). Visível assim no grafo:</p>
	
<p>Esquema n° 4</p>	<p>Esquema n° 4</p>
<p>Como ya dijimos, en el pasaje del grafo 1 al grafo 2 hay una inversión de la posición del \$: del punto de llegada se ha</p>	<p>Como já foi dito, na passagem do grafo 1 ao grafo 2 há uma inversão da posição do \$: do ponto de chegada se transferiu até o</p>

<p>trasladado hasta el punto de partida. En “Subversión del sujeto...” este pasaje es descripto así:</p>	<p>ponto de partida. Em “Subversão do sujeito...” esta passagem está descrita assim:</p>
<p>Efecto de retroversión por el cual el sujeto en cada etapa se convierte en lo que era como antes y no se enuncia: habrá sido, sino en el futuro anterior (pág. 787).</p>	<p>Efeito de retroversão pelo qual o sujeito, em cada etapa, transforma-se naquilo que era, como antes, e só se enuncia: “terá sido”, no futuro anterior (pág. 787) [823].</p>
<p>Este traslado en el grafo del deseo tiene una estructura temporal, y la metáfora de la estructura temporal, que Lacan le asigna, es la del futuro anterior.</p>	<p>Essa mudança no grafo do desejo tem uma estrutura temporal, e a metáfora da estrutura temporal, que Lacan lhe atribui, é a do futuro anterior.</p>
<p>En francés, el futuro anterior es el que expresa la anterioridad en relación con un momento del futuro por venir. Noten que es un tiempo absolutamente paradójico: supone un pasado anterior respecto de un futuro; pero el problema es que es pasado sólo respecto de ése futuro, por lo tanto, es un pasado que es futuro también para aquel que lo enuncia como pasado respecto de un futuro, pero como futuro respecto del tiempo presente de la enunciación.</p>	<p>Em francês, o futuro anterior é o que expressa a anterioridade em relação a um momento do futuro por vir. Notem que é um tempo absolutamente paradoxal: sugere um passado anterior a um futuro, mas o problema é que é passado apenas com relação a esse futuro, portanto, é um passado que é futuro para aquele que o enuncia como passado em relação a um futuro, mas como futuro em relação ao tempo presente da enunciação.</p>
<p>En castellano no tenemos ese tiempo, pero tenemos el futuro perfecto. El futuro perfecto es un tiempo que denota acción venidera anterior a otra también venidera.</p>	<p>Não temos esse tempo em castelhano (nem em português), mas temos o <i>futuro perfecto</i>. O <i>futuro perfecto</i> é um tempo que denota uma ação futura, anterior a outra também vindoura.</p>
<p>Podríamos, entonces, preguntarnos cómo puede ser que haya el lugar uno antes que el lugar cero. Lacan dice que esto tiene, efectivamente, estructura temporal, pero una estructura temporal paradójica: en francés, la de un futuro que es anterior. Al inscribirse, el futuro inscribe un momento anterior, que es el del</p>	<p>Poderíamos então nos perguntar como pode ser que haja o lugar um antes que o lugar zero. Lacan disse que isso tem, efetivamente, estrutura temporal, mas uma estrutura temporal paradoxal: em francês, aquela de um futuro que é anterior. Ao se inscrever, o futuro inscreve um momento anterior, que é o do “<i>fading</i>”;</p>

<p>“<i>fading</i>”; cabalmente hablando, no hay un sujeto antes de la identificación primaria, debido a que un sujeto antes de la identificación primaria no sería distinguible de cualquier otro y, sin particularidad, en psicoanálisis, no hay sujeto. En el puro cero, todos somos iguales.</p>	<p>sendo estritos, não há um sujeito antes da identificação primária, devido a que um sujeito antes da identificação primária não seria distinguível de qualquer outro e, em psicanálise, sem particularidade, não há sujeito. No puro zero todos somos iguais.</p>
<p>¿Qué sería un sujeto antes de la identificación primaria? El sujeto se abraza a la identificación primaria del Ideal del yo que le da una cierta consistencia en el significante, y en ese mismo momento se funda el que tuvo que “haber salido” de la nada, por el que nos preguntábamos; con lo cual, ya estamos trabajando con una temporalidad absolutamente paradójica, con una temporalidad que requiere la articulación de las nociones de retroacción y anticipación.</p>	<p>O que seria um sujeito antes da identificação primária? O sujeito se abraça à identificação primária do ideal do eu que proporciona certa consistência no significante, e nesse mesmo momento se constitui o que deve “ter saído” do nada, aquele pelo qual nos perguntávamos. Com isso já estamos trabalhando com uma temporalidade absolutamente paradoxal, com uma temporalidade que requer a articulação das noções de retroação e antecipação.</p>
<p>La palabra que utiliza Lacan es “retroversión”, que es un verdadero hallazgo de la lengua, porque retroversión implica un retro, es un ir para atrás con la estructura de la versión. ¿Y qué es la versión? La manera de presentar o interpretar un hecho o serie de hechos; y también: la maniobra efectuada en el parto para que se favorezca la expulsión del bebé. Y una de las acepciones más fuertes que tiene la palabra es: posición invertida del útero.</p>	<p>A palavra que Lacan utiliza é “retroversão”, que é uma verdadeira descoberta da língua, porque retroversão já supõe algo retrô, é um ir para trás com a estrutura da versão. E o que é versão? A maneira de apresentar ou interpretar um fato ou séries de fatos e, além disso: a manobra efetuada durante o parto para que se favoreça a expulsão do bebê. Uma das acepções mais fortes que tem a palavra é: posição invertida do útero.</p>
<p>No cabe ninguna duda de que Lacan plantea que el parimiento del sujeto es vía una versión: el dicho primero. Un sujeto</p>	<p>Não há dúvidas de que Lacan propõe que o nascimento do sujeito é pela via de uma versão: o dito primeiro. O sujeito surge</p>

<p>surge por una versión, que produce por retroacción el tiempo “anterior”, el del <i>fading</i>.</p>	<p>por uma versão, que produz por retroação o tempo “anterior”, o do <i>fading</i>.</p>
<p>¿Cuál sería la operatoria terapéutica posible sobre esa versión? Multiplicarla. Vale decir, la maniobra exactamente inversa a la que realizara Freud, por ejemplo, en el análisis del Hombre de los Lobos, en donde intentaba, todo el tiempo, ir hasta el uno. La dirección que le imprimió Freud a ese caso es la dirección- digamos- neurotizante por excelencia. Freud avanzaba bajo la conjetura de que en el origen había uno. Lacan, en cambio, propone la retroversión: invertir las versiones, maniobra que se apoya en que toda versión significativa necesariamente implica una pluralidad de interpretaciones y será el sujeto el que deberá elegir con su acto cuál es la interpretación (el deseo y su interpretación) más verídica para ese momento.</p>	<p>Qual seria a operação terapêutica possível sobre essa versão? Multiplicá-la. Quer dizer, a manobra exatamente contrária daquela realizada por Freud, por exemplo, na análise do Homem dos Lobos, onde tentava o tempo todo ir até o um. A direção que tomou Freud nesse caso é, digamos, a direção “neurotizante” por excelência. Freud avançava sob a hipótese de que na origem havia um. Lacan, ao contrário, propõe a retroversão: inverter as versões, manobra que se sustenta no fato de que toda versão significativa necessariamente implica uma pluralidade de interpretações e será o sujeito quem deverá escolher com seu ato qual é a interpretação (o desejo e sua interpretação) mais verídica para esse momento.</p>
<p>Aquí se inserta la ambigüedad de un desconocer esencial al conocerme (pág. 787).</p>	<p>Aqui se insere a ambiguidade de um desconhecer [<u>méconnaître</u>] essencial ao conhecer-me [<u>me connaître</u>] (pág. 787) [823].</p>
<p>“Desconocerme” porque es del Otro, eso es alienación. Cada paso que el sujeto dé en el conocerse vía el ideal del Otro no hace otra cosa que hacerlo ser cada vez más Otro, qué se desconozca más.</p>	<p>“Desconhecer-me” porque é do Outro, isso é alienação. Cada passo que o sujeito dê no conhecer-se pela via do ideal do Outro não faz outra coisa senão faze-lo cada vez mais Outro, que se desconheça mais.</p>
<p>Pues todo lo que el sujeto puede dar por seguro en esta retrovisión, es, viniendo a su encuentro, la imagen, anticipada, que tomó de sí mismo, en su espejo (pág.</p>	<p>Pois tudo de que o sujeito pode se assegurar nessa retrovisão, é, vindo ao seu encontro, a imagem, antecipada, que ele pegou de mesmo em seu espelho</p>

788).	(pág. 788) [823].
Entonces, frente a ese lugar cero que le toca al sujeto tras el encuentro con al menos dos significantes, ¿qué recurso le queda para escapar y, digamos, conocerse? Lacan plantea que ahí aparece, a disponibilidad del sujeto, la imagen propia, y anticipada, del estadio del espejo. La clave está en que el sujeto toma ésta imagen como si fuese la imagen de sí.	Então, diante deste lugar zero que cabe ao sujeito depois do encontro com ao menos dois significantes, que recurso lhe resta para escapar e, digamos, conhecer-se? Lacan sugere que aí aparece, disponível para o sujeito, a imagem própria e antecipada do estágio do espelho. A chave está em que o sujeito se apropria dessa imagem como se fosse sua própria.
No volveremos aquí a la función de nuestro “estadio del espejo”, punto estratégico primero alzado por nosotros como objeción al favor concedido en la teoría al pretendido yo autónomo (pág. 788).	Não retomaremos aqui a função de nosso “estádio do espelho”, ponto estratégico primeiro, organizado por nós como objeção ao favorecimento dado na teoria ao pretendo eu autônomo (pág. 788) [823].
Si en algo el estadio del espejo viene a rectificar la teoría psicoanalítica, es, fundamentalmente, en que viene a decir que no al hecho de que el yo sea autónomo, ya que funciona como recurso identificatorio frente al “entre” del \$ (0) y el I(A) (1).	Se em algo o estágio do espelho vem retificar a teoria psicanalítica é, fundamentalmente, em que vem dizer não ao fato de que o eu seja autônomo, já que funciona como recurso identificador diante do “entre” do \$ (0) e I(A) (1).
Pero lo que el sujeto encuentra en esa imagen alterada de su cuerpo es que es también del otro. De eso disponemos, a nivel imaginario, para responder al problema del ideal del Otro. ¿Y cuál es esa alteración de la imagen? La inversión que producen los espejos. Lo que no debemos perder de vista acá es el <i>alter</i> , el otro: la imagen es del otro, y es del otro precisamente porque es anticipada. Entonces, lo que tenemos para oponer a la alienación simbólica es la alienación	Mas o que o sujeito encontra nessa imagem alterada de seu corpo é que é também do outro. Disso dispomos, no nível imaginário, para responder ao problema do ideal do Outro. E qual é essa alteração da imagem? A inversão que produzem os espelhos. Devemos ficar atentos ao <i>alter</i> , o outro: a imagem é do outro, e é do outro precisamente porque é antecipada. Então, para opor à alienação simbólica o que temos é a alienação imaginária.

imaginaria.	
Sea como sea, lo que el sujeto encuentra en esa imagen alterada de su cuerpo es el paradigma de todas las formas del parecido que van a aplicar sobre el mundo de los objetos un tinte de hostilidad proyectando en él el avatar de la imagen narcisista, que, por el efecto jubilatorio de su encuentro en el espejo, se convierte en el enfrentamiento con el semejante, en el desahogo de la más íntima agresividad (pág. 788).	Como quer que seja, o que o sujeito encontra nessa imagem alterada de seu corpo é o paradigma de todas as formas da semelhança que levarão para o mundo dos objetos um toque de hostilidade, projetando nele a transformação da imagem narcísica, que, pelo efeito jubilatório de seu encontro no espelho, transforma-se, no confronto com o semelhante, no escoadouro da mais íntima agressividade (pág. 788) [823].
Noten que en el grafo 2, al vértice que, saliendo de \$, en su primer punto de encuentro Lacan lo llama $i(a)$ (no escribe m), se trata de la imagen del otro. El \$ se enfrenta, entonces, con dos ideales del Otro: $I(A)$ e $i(a)$: insignia de la omnipotencia del Otro, uno del Otro el primero, e imagen del otro, el segundo.	Observem que no grafo 2, o vértice que, saindo de \$, em seu primeiro ponto de encontro Lacan o chama de $i(a)$ (não escreve m), se trata da imagem do outro. O \$ se depara então com dois ideais do Outro: $I(A)$ e $i(a)$: o primeiro, insígnia da onipotência do Outro, um do Outro, o segundo, imagem do outro.
Sí el sujeto intenta escapar a la alienación primera – la del significante – se topa cómo recurso con la imagen alterada del otro.	Se o sujeito tenta escapar da alienação primeira – a do significante – encontra como recurso a imagem alterada do outro.
Aquí queda claro lo que vemos en el grafo 2: que el sujeto queda atrapado entre dos “alteridades”.	Aqui fica claro o que vemos no grafo 2: que o sujeito fica suspenso entre duas “alteridades”.
Es esta imagen, yo ideal, la que se fija desde el punto en que el sujeto se detiene como ideal del yo (pág. 788).	É essa imagem, eu ideal, a que se fixa, no ponto em que o sujeito se detém como ideal do eu (pág. 788) [823].
La fijación de la imagen es una función dependiente de la detención del sujeto por el ideal. Si el \$, como tal, es el efecto de intervalo entre los significantes, la maniobra de colocar otro significante produciría de inmediato el efecto de	A fixação da imagem é uma função dependente da detenção do sujeito pelo ideal. Se o \$, como tal, é o efeito de intervalo entre os significantes, a manobra de colocar outro significante produziria imediatamente o efeito de deslocamento:

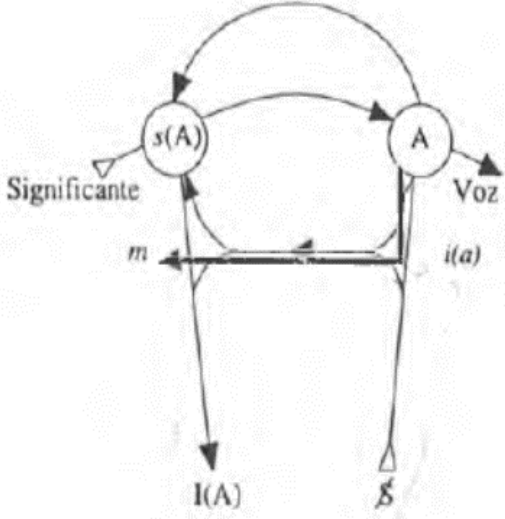
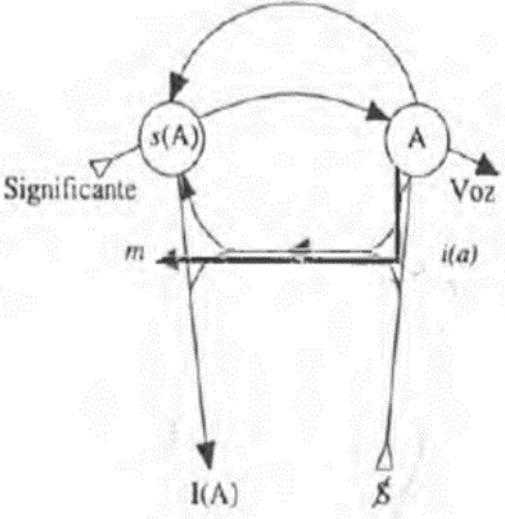
<p>desplazamiento: así, en lugar de estar entre S_1 y S_2, el sujeto estará entre S_2 y S^3, y así sucesivamente. ¿Cómo hace el sujeto para detener esta metonimia infinita? Se identifica a uno de los significantes; abandona el hecho de que sean dos; intenta salir del intervalo y se afianza con uno.</p>	<p>assim, ao invés de estar entre S_1 e S_2, o sujeito estará entre S_2 e S_3, e assim por diante. O que faz o sujeito para deter esta metonímia infinita? Se identifica com algum dos significantes, abandona o fato de que sejam dois, tenta sair do intervalo e se garante com um.</p>
<p>¿Cómo es, se pregunta Lacan, que hay, para nosotros, una imagen? Hay “una” imagen porque nos detenemos en un significante, si no, no habría problemas imaginarios; si el sujeto no se detuviese en un significante no habría problema porque estaríamos pasando de una imagen a otra imagen, y verdaderamente, no habría problemas de identificación imaginaria porque el uno de la imagen es dependiente del uno del significante. Los sujetos, los del análisis por ejemplo, se hallan fijados a una imagen porque están detenidos en un significante.</p>	<p>Lacan se pergunta: Como é que, para nós, há uma imagem? Há “uma” imagem porque nos detemos em um significante, se não, não haveria problemas imaginários. Se o sujeito não se prendesse em um significante não haveria problema porque estaríamos passando de uma imagem a outra e, verdadeiramente, não haveria problemas de identificação imaginária porque o um da imagem é dependente do um do significante. Os sujeitos, os da análise, por exemplo, estão fixados a uma imagem porque estão detidos em um significante.</p>
<p>No deberíamos dejar de articular esta detención al problema que plantea Lacan en el Seminario 11 en que la alienación a un significante produce el efecto subjetivo de monolito, al que Lacan llama “petrificación”. Un sujeto pegado a un significante es un monolito. Nos quedamos petrificados en el uno del significante y así es que podemos ser víctimas de la captura de una imagen.</p>	<p>Não deveríamos deixar de articular essa detenção ao problema que Lacan coloca no Seminário 11 em que a alienação a um significante produz o efeito subjetivo de monólito, que Lacan chama de “petrificação”. Um sujeito fixado a um significante é um monólito. Ficamos petrificados no um do significante e é assim que podemos ser vítimas da captura da uma imagem.</p>
<p>¿A qué nos remite la retrovisión? Al niño que, a upa de su madre, mira en el espejo la mirada de la madre, en lugar de mirarse a sí mismo. Lo que captura al</p>	<p>A que nos remete a retrovisão? A criança que, nos braços da mãe, olha no espelho o olhar de sua mãe ao invés de olhar a si mesmo. O que a criança captura no</p>

<p>niño en el espejo es la mirada fascinada de la madre. Pero Lacan dice que no, que tampoco alcanza con eso; que lo que produce fundamentalmente la posibilidad de la captura por una imagen es la petrificación en un significante.</p>	<p>espelho é o olhar fascinado da mãe. No entanto, Lacan afirma que não, que isso não é suficiente, pois o que produz fundamentalmente a possibilidade da captura por uma imagem é a petrificação em um significante.</p>
<p>Entonces, el problema no es la identificación imaginaria en sí, sino la fijación a una imagen; y el sujeto queda fijado a una imagen como consecuencia de la función del ideal simbólico.</p>	<p>Então, o problema não é propriamente identificação imaginária, mas a fixação em uma imagem. O sujeito fica fixado a uma imagem como consequência da função do ideal simbólico.</p>
<p>En la captura que experimenta de su naturaleza imaginaria, enmascara su duplicidad, a saber que la conciencia en que se asegura de su existencia innegable [...] no le es en absoluto inmanente, sino trascendente puesto que se apoya en el rasgo unario del ideal del yo (pág. 788).</p>	<p>Na captura que sofre de sua natureza imaginária, ele mascara sua duplicidade, qual seja, que a consciência com que ele garante a si mesmo uma existência incontestável [...] não lhe é de modo algum imanente, mas transcendente, uma vez que se apoia no traço unário do ideal do eu (pág. 788) [823].</p>
<p>El sujeto se adhiere a una imagen porque ésta le oculta su duplicidad, el “yo soy ése”, “yo soy eso”, “yo soy yo”. Lo que implica el intento de hacer uno consigo mismo, para así ocultar el hecho de que es el Otro quien carece del elemento de la identidad. El ocultar, vía el yo, la duplicidad dice que el yo no es en absoluto inmanente, sino que es trascendente.</p>	<p>O sujeito se adere a uma imagem porque ela oculta sua duplicidade, o “eu sou esse”, “eu sou isso”, “eu sou eu”. O que implica a tentativa de alguém fazer um consigo mesmo, para, dessa forma, ocultar o fato de que é o Outro quem carece do elemento da identidade. O ocultar, pela via do eu, a duplicidade diz que o eu não é de forma alguma imanente, mas que é transcendente.</p>
<p>El hecho de que se plantee al yo como inmanente es una teoría, pero lo que más nos interesa a nosotros acá es que esa teoría es la teoría que todo sujeto neurótico tiene respecto de su yo. Y por eso Lacan nos advierte que no es inmanente, sino trascendente, puesto que</p>	<p>O fato de que se articule o eu como imanente é uma teoria, mas o que mais nos interessa é que essa é a teoria que todo sujeito neurótico tem a respeito de seu eu. Por isso Lacan nos adverte que não é imanente, mas transcendente, visto que se apoia no traço unário do ideal do</p>

se apoya en el rasgo unario del ideal del yo.	eu.
Por lo cual el ego trascendental mismo se encuentra relativizado [...] (pág. 789).	Donde o próprio ego transcendental se vê relativizado (...) (pág. 788) [823].
Respecto de estas nociones: trascendencia, imanencia y trascendentalidad, quiero que tengamos en cuenta algunas consideraciones.	A respeito destas noções: transcendência, imanência e transcendentalidade, levemos em conta algumas considerações.
“Inmanente”: es una palabra que proviene del latín y quiere decir “residir en”, <i>in-manens</i> . En filosofía se utiliza como causa inmanente, que es aquella que reside en el sujeto del que se trata. Se trata del caso en el que se localiza la causa en el mismo sujeto. Se dice de lo que está contenido en la naturaleza de un ser.	O que Lacan quer dizer quando afirma que para cada um de nós o eu é imanente? Que acreditamos que está incluído na nossa própria natureza de ser, enquanto que transcendente é o que se eleva acima de um dado nível. Na filosofia refere-se aos termos que estabelecem uma significação tão universal que ultrapassam todas as categorias.
¿Qué quiere decir Lacan cuando afirma que, para cada uno de nosotros, el yo es inmanente? Que creemos que está incluido en nuestra propia naturaleza de ser. Mientras que transcendente es el que se eleva por encima de un nivel dado. En filosofía, se dice de los términos que son de una significación tan universal que sobrepasan todas las categorías.	O que Lacan quer dizer quando afirma que para cada um de nós o eu é imanente? Que acreditamos que está incluído na nossa própria natureza de ser, enquanto que transcendente é o que se eleva acima de um dado nível. Na filosofia refere-se aos termos que estabelecem uma significação tão universal que ultrapassam todas as categorias.
Lo que Lacan está diciendo es que el yo no está causado por sí mismo, que no es una lógica que se cierra en su propio ser, sino que está determinado por algo que está por fuera de sus límites, que trasciende sus límites. Esta trascendencia es el yo ideal, la imagen anticipada del otro. Y por otro lado, esta trascendencia es también y más fundamentalmente, el significante del ideal del Otro.	O que Lacan está dizendo é que o eu não está causado por si próprio, que não é uma lógica que se fecha em seu próprio ser, mas que está determinado por algo que está fora do seu alcance, que transcende seus limites. Essa transcendência é o eu ideal, a imagem antecipada do outro. Por outro lado, essa transcendência é também, e mais fundamentalmente, o significante do ideal

	do Outro.
En la filosofía escolástica, la trascendentalidad era lo esencial, y para Kant, aquello que constituye o expresa una condición a priori. La noción de a priori, en realidad, es una parte de la frase que dice: a priori de toda experiencia.	Na filosofia escolástica, a transcendência era o essencial e, para Kant, aquilo que constitui ou expressa uma condição a priori. A noção de a priori, na realidade, é uma parte da frase que diz: a priori de toda experiência.
El ego, para Lacan, no es ni esencial ni está a priori; es un efecto primordial de la función del significante y del estadio del espejo. Y ambas funciones indican que el yo está determinado por elementos otros: (A), por un lado, y (a), por el otro. Y la doble virtud de la función del yo es ocultarnos que no es imanente y que está doblemente determinado.	O ego, para Lacan, não é nem essencial, nem está a priori, é um efeito primordial da função do significante e do estágio do espelho. As duas funções indicam que o eu está determinado por outros elementos: (A), por um lado, e (a), por outro. A dupla virtude da função do eu é nos ocultar o fato de não ser imanente e de estar duplamente determinado.
Continúo con la cita:	Continuo com a citação:
Por lo cual el ego trascendental mismo se encuentra relativizado, implicado como lo está en el desconocimiento en que se inauguran las identificaciones del yo (pág. 789).	Donde o próprio ego transcendental se vê relativizado, implicando como aquilo que está no desconhecimento em que se inauguram as identificações do eu (pág. 788) [823].
Si el yo viene a ocultarnos la doble causalidad que lo determina, Lacan dirá que todo lo que llamamos identificación yoica será, como tal, una identificación cuya función es de desconocimiento. Adscribimos al yo, entonces, la función de desconocimiento. ¿Desconocimiento de qué? De lo otro, de todo lo que sea otro como fuente del mismo yo. ¿Cuál es, en consecuencia, la dialéctica propia de este yo? Proyectarse, él mismo, en el medio, intentar encontrar lo mismo; porque el yo intenta, fundamentalmente, sostenerse como imanente a sí mismo, decir que no	Se o eu vem para nos ocultar a dupla causalidade que o determina, Lacan dirá que tudo o que chamamos de identificação euoica será, enquanto tal, uma identificação cuja função é de desconhecimento. Então, atribuímos ao eu essa função de desconhecimento. Desconhecimento de que? Do outro, de tudo que seja outro como fonte do eu mesmo. Qual é, em consequência, a dialética própria desse eu? Projetar-se, ele mesmo, no meio, tentar encontrar o mesmo; porque o eu tenta, fundamentalmente, se sustentar como

<p>a lo otro a nivel imaginario y a nivel simbólico. Y para encontrarse siempre con lo mismo, proyecta.</p>	<p>imane a si próprio, dizer não ao outro no nível imaginário e no nível simbólico. Para se encontrar sempre com o mesmo, projeta.</p>
<p>La proyección del yo implica, lo sabemos bien, rivalidad y disputa por el dominio. Esto mismo indica con claridad cómo el yo no es autónomo, ya que dominio será una función derivada de la potencia (omnipotencia) con la que es investida la función del Otro (A). En el grafo 2, Lacan lo escribe así (esquema n° 5, ver línea grisada).</p>	<p>A projeção do eu, como já sabemos, implica em rivalidade e disputa por domínio. Isso indica com clareza como o eu não é autônomo, já que domínio será uma função derivada da potência (onipotência) com a que é investida a função do Outro (A). No grafo 2, Lacan o escreve assim (esquema n° 5, ver linha cinza).</p>
<p>“Proyección” implica además otra articulación importante. $i(a)$, la imagen que intenta rescatar al sujeto del <i>fading</i> del al menos dos del significante, introduce en nuestras consideraciones el problema de las imágenes como producidas sobre una superficie de proyección, en el sentido de la pantalla donde se proyecta una imagen virtual. Este tema lo retomaremos cuando analicemos la función de $(\\$ \diamond a)$, el fantasma y su relación con el yo y la realidad.</p>	<p>“Projeção” implica, além disso, outra articulação importante. $i(a)$, a imagem que tentar resgatar o sujeito do <i>fading</i> do ao menos dois do significante, introduz em nossas considerações o problema das imagens como produzidas sobre uma superfície de projeção, no sentido da tela onde se projeta uma imagem virtual. Tema este que será retomado quando for analisada a função de $(\\$ \diamond a)$, o fantasma e sua relação com o eu e a realidade.</p>

 <p>Esquema n° 5</p>	 <p>Esquema n° 5</p>
<p>Este proceso imaginario que de la imagen especular $i(a)$ va a la constitución del yo por el camino de la subjetivación por el significante [...] (pág. 789).</p>	<p>Esse processo imaginário, que da imagem especular $i(a)$ vai até a constituição do eu, no caminho da subjetivação pelo significante [...] (pág. 789) [824].</p>
<p>Los animales no se identifican a su propia imagen especular, ni se interesan siquiera por ella, porque no es esa imagen del uno que los va a rescatar de la duplicidad introducida por el significante; es que no han caído ni caerán en la duplicidad que engendra el significante.</p>	<p>Os animais não se identificam com sua própria imagem especular, nem sequer se interessam por ela, porque não é essa imagem do um que os vai resgatar da duplicidade introduzida pelo significante. Eles não caíram nem cairão na duplicidade que dá origem ao significante.</p>
<p>[...] está significado en nuestro grafo, por la vector $i(a)-m$ de sentido único.</p>	<p>[...] é expresso em nosso grafo, pelo vector $i(a)-m$ de sentido único (pág. 789) [824].</p>
<p>Lo mismo pasa en el esquema Lambda. ¿Por qué los vectores van del otro al yo si estamos diciendo todo el tiempo que la dinámica de funcionamiento del yo es la proyección? Porque, justamente, en el grafo la duplicidad queda escrita con un vector de sentido único, pero -y acá viene la ganancia-:</p>	<p>O mesmo acontece no esquema Lambda. Por que os vetores vão do outro ao eu se estamos dizendo o tempo todo que a dinâmica de funcionamento do eu é a projeção? Porque, justamente, no grafo a duplicidade fica escrita com um vector de sentido único, mas – e aqui vem o ganho –.</p>
<p>[...] articulado doblemente.</p>	<p>[...] duplamente articulado (pág. 789)</p>

	[824].
Aquí hemos recuperado la duplicidad.	Aqui recuperamos a duplicidade.
El recorrido del grafo es: de \$ a $i(a)$, de $i(a)$ a m y de m a $I(A)$... y ahí se corta el circuito y no se puede seguir, se produce la fijación, el estancamiento, la petrificación.	O percurso do grafo é: de \$ a $i(a)$, de $i(a)$ a m e de m a $I(A)$... e aí se corta o circuito e já não é possível continuar, se produz a fixação, o estancamento, a petrificação.
Recordarán por qué no cerrábamos -con la estructura del ocho interior- el círculo con la unión de \$ e $I(A)$. Justamente, porque éstos son puntos de detención; $I(A)$ es detención. Y el cortocircuito está diciendo eso: que el punto de identificación del sujeto al significante de la omnipotencia del Otro lo deja petrificado. Ahí se detiene la dinámica del sujeto; ahí se corta el movimiento.	Lembrarão por que não fechávamos – com a estrutura do oito interior – o círculo com a união de \$ e $I(A)$. Justamente porque estes são pontos de detenção, $I(A)$ é detenção. O curto-circuito está dizendo isto: que o ponto de identificação do sujeito ao significante da onipotência do Outro o deixa petrificado. Aí se detém a dinâmica do sujeito, aí se corta o movimento.
De todos modos es un circuito al que, a pesar de agotarse en $I(A)$, el sujeto le interpone la dialéctica imaginaria: la imagen del otro y el yo.	De qualquer modo é um circuito no qual, apesar de se esgotar em $I(A)$, o sujeito lhe interpõe a dialética imaginária: a imagem do outro e o eu.
[...] una primera vez en cortocircuito sobre $\$-I(A)$, una segunda vez en la vía de regreso, sobre $s(A)-A$. Lo cual muestra que el yo sólo se acaba al articularse no como "je" del discurso, sino como metonimia de su significación [...] (pág. 789).	[...] uma primeira vez como curto-circuito em $\$-I(A)$, uma segunda vez como via de retorno em $s(A)-A$. O que mostra que o eu só se completa ao ser articulado não como "je" do discurso, mas como metonímia de sua significação [...] (pág. 789) [824].
Veamos ambos recorridos en el grafo:	Veamos ambos os percursos no grafo a seguir:

<p> —————: circuito (metonímico) imaginario -----: cortocircuito (petrificación) en I(A) </p> <p>Esquema nº 6</p>	<p> -----: circuito (metonímico) imaginario : circuito (petrificação) em I(A) </p> <p>Esquema nº6</p>
<p>Éste es el verdadero circuito. Lo que caracteriza a la significación –cuando está estabilizada por la metáfora paterna- es que siempre remite a otra significación. Es aquí -afirma Lacan- que se constituye un circuito que sale de $s(A)$ hacia A, de ahí baja hasta $i(a)$, de ahí va al moi (m), y desde ahí se eleva para retornar en forma de círculo, a la significación del Otro -$s(A)$.</p>	<p>Este é o verdadeiro circuito. Aquilo que caracteriza a significação – quando está estabilizada pela metáfora paterna – é que sempre remete a outra significação. É aqui – afirma Lacan – que se constitui um círculo que sai de $s(A)$ até A, daí desce para $i(a)$, em seguida vai ao moi (m) e então sobe para retornar em forma de círculo à significação do Outro, $s(A)$.</p>
<p>Esta dialéctica identificatoria conduce, entonces, o a la petrificación propia del ideal del Otro -es el cortocircuito- o, si no -atrapado el sujeto en la dialéctica significante-, a la metonimia incesante de la significación, el circuito, el círculo. Él sujeto, entonces, queda atrapado en la dialéctica de la identificación en el uno, o es víctima de un desplazamiento infinito de la significación.</p>	<p>Essa dialética da identificação conduz, então, ora à petrificação própria do ideal do Outro – é o curto-circuito –, ora – preso o sujeito na dialética significante – à metonímia incessante da significação, o circuito, o círculo. O sujeito, então, fica preso na dialética da identificação, no um, ou é vítima de um deslocamento infinito da significação.</p>
<p>Habrán visto, en vuestra clínica cotidiana,</p>	<p>Devem ter visto alguma vez na clínica,</p>

<p>muchos sujetos intentando encontrar la significación de su yo, y que en realidad se encuentran atrapados en una metonimia que los lleva de un “yo soy/debo ser esto” a un “yo soy/debo ser aquello” y así toda la vida, creyendo que están a punto de encontrarse, para volver cada vez a fracasar en el intento. Suelen ser sujetos que pierden mucho en el camino si no es que lo pierden todo en la vía de querer ganar un ser para su yo. Recorrido que se parece al del deseo, dada la falla del encuentro, pero que se distingue de él en tanto y en cuanto éste debe articularse, como veremos más adelante, al intervalo, al inter del más allá de la demanda y, específicamente, más allá de la petrificación o el circuito cerrado de la metonimia de la significación del yo.</p>	<p>muitos sujeitos tentando encontrar a significação de seu eu e que na verdade se encontram presos numa metonímia que os leva de um “eu sou/devo ser isto” a um “eu sou/devo ser aquilo” e assim a vida toda, acreditando que estão prestes de se encontrarem, para voltar toda vez a fracassar na tentativa. São sujeitos que costumam perder muito no caminho, quando não é que perderem tudo na tentativa de querer ganhar um ser para ser seu eu. Percurso parecido com o do desejo, pela falha do encontro, mas que se distingue dele porque este deve se articular, como veremos mais a frente, no intervalo, no inter do além da demanda e, especificamente, além da petrificação ou o circuito fechado da metonímia da significação do eu.</p>
<p>El más allá de los ideales que plantea Lacan es, para el psicoanálisis, un postulado ético (no moral) porque en rigor es el único camino con salida para el sujeto. El más allá de los ideales no funciona, para el psicoanálisis, como su condición moral; el más allá de los ideales es imprescindible en la dirección de la cura del sujeto barrado.</p>	<p>O além dos ideais que Lacan sugere é, para a psicanálise, um postulado ético (não moral) porque, a rigor, é o único caminho com saída para o sujeito. Para a psicanálise, o além dos ideais não funciona como sua condição moral. O além dos ideais é imprescindível na direção da cura do sujeito barrado.</p>
<p>Los ideales como tales, en nuestra teoría del sujeto, posibilitan dos únicas vías, y ambas son sin salida. Son dos vías que nunca dan, verdaderamente, un lugar para la dialéctica del sujeto. Por eso la dirección de la cura implica, respecto de ambas salidas en <i>impasse</i>, el pase. No hay opciones para el sujeto, el pase es</p>	<p>Na nossa teoria do sujeito, os ideais, como tais, possibilitam duas únicas vias e ambas são sem saída. São duas vias que nunca dão, verdadeiramente, um lugar para a dialética do sujeito. Por isso a direção da cura implica, a respeito de ambas saídas em <i>impasse</i>, o passe. Não há opções para o sujeito, o passe é um</p>

uno solo: decirle que no a la vía identificatoria, tanto imaginaria como simbólica.	só: dizer não à via da identificação tanto imaginária quanto simbólica.
Son, entonces, postulados teóricos - y no posiciones morales- lo que empuja a los psicoanalistas a ir más allá de los ideales. Hay que ir más allá de los ideales porque el ideal implica siempre un punto de detención mortífero o una metonimia infinitizada desgarradora.	São então postulados teóricos – e não posições morais – o que motiva os psicoanalistas a irem além dos ideais. É necessário ir além dos ideais porque o ideal implica sempre um ponto de detenção mortífero ou uma metonímia infinita dilacerante.

SIETE EL GRAFO 3. LA PREGUNTA	SETE O GRAFO 3. A PERGUNTA
En este capítulo veremos cómo se sale, en la neurosis, del círculo infernal de la demanda, queriendo significar con “círculo” el efecto de repetición de la demanda como tal.	Neste capítulo veremos como se sai, na neurose, do círculo infernal da demanda, pretendendo significar com “círculo” o efeito de repetição da demanda enquanto tal.
Para empezar a pensar este problema vamos a utilizar el grafo 3 del grafo del deseo.	Para começar a pensar esse problema, vamos utilizar o grafo 3 do grafo do desejo.
Quizás el problema quede mejor planteado -en lo que tiene que ver con la dirección de la cura- si lo expresamos así: ¿cómo se accede a lo nuevo?	Talvez o problema fique mais bem apresentado (no que se refere à direção da cura) se o expressarmos assim: como se tem acesso ao novo?
No sé para ustedes, pero para mí este es, diría, uno de los meollos de la cuestión psicoanalítica. Para Freud no hay posibilidad de lo absolutamente nuevo para el ser humano; y como no la hay estructuralmente, no podrá haberla mediante el psicoanálisis. Para Freud el término ideal al que puede arribar un análisis, en las mejores condiciones, es el límite de la angustia de castración para el hombre, y la envidia del pene para la	Não sei para vocês, mas para mim este é um dos cernes da questão psicanalítica. Para Freud, não há possibilidade do absolutamente novo para o ser humano e, como estruturalmente não há essa possibilidade, também não seria plausível considerá-la mediante a psicanálise. Para Freud, o termo ideal ao qual se pode chegar numa análise, nas melhores condições, é o limite da angústia de castração para o homem e a inveja do

mujer.	pênis para a mulher.
<p>Lo que trato de plantear hoy es de qué modo en el grafo 3 se esboza una elaboración que nos permitirá concebir lo absolutamente nuevo para el sujeto humano, obviamente en el campo de las neurosis. Y de ahí deduciremos también como maniobrar en la dirección de la cura para conseguirlo.</p>	<p>O que tento articular hoje é de que modo no grafo 3 se esboça uma elaboração que nos permitirá conceber o absolutamente novo para o sujeito humano, obviamente no campo das neuroses. A partir daí também entenderemos como manobrar na direção da cura para consegui-lo.</p>
<p>Comencemos tomando una elaboración de Freud que está en “Introducción del narcisismo” en la que retoma, desde una posición bastante cercana a la de Lacan, la función del ideal. Nosotros llegamos, habiendo salido del círculo infernal de la demanda implicado en el grafo 1, a trabajar el recorrido (recorrido en el grafo, recorrido en la vida) que implica, en el grafo 2, la solución imaginaria al problema del S en el seno del Otro, y respecto de la cual distinguimos dos alternativas: la petrificación en el uno del ideal del Otro y la metonimia de la significación del yo. En ninguna de las dos -aunque en determinados casos y para determinados sujetos pueda parecer lo contrario- hay nada de la índole de lo nuevo. Y esto sobre todo para el caso de la metonimia, porque esta, precisamente, tiene la propiedad de parecer lo nuevo siendo pura repetición. Cada vez el próximo término parece “lo nuevo”, de lo que no suele percatarse el sujeto es de que la vía misma es sin salida dado que es la de la significación para el yo, que lo llevara de significación en significación,</p>	<p>Comecemos analisando uma elaboração de Freud que está em “Introdução ao narcisismo”, na qual retoma, já em uma posição bastante próxima à de Lacan, a função do ideal. Nós chegamos, tendo saído do círculo infernal da demanda envolvido no grafo 1, a trabalhar o percurso (percurso no grafo, na vida) que implica, no grafo 2, a solução imaginária para o problema do \$ no seio do Outro, a respeito da qual distinguimos duas alternativas: a petrificação no um do ideal do Outro e a metonímia da significação do eu. Em nenhuma das duas – ainda que em determinados casos e para determinados sujeitos possa parecer o contrário – há nada da índole do novo. Isso, sobretudo, no caso da metonímia, porque ela, precisamente, tem a propriedade de parecer o novo sendo pura repetição. Cada vez o próximo termo parece “o novo”, mas o sujeito não costuma perceber é que se trata de uma via é sem saída, dado que é da significação para o eu, que o levara de significação em significação, repetitiva e ilimitadamente.</p>

repetitiva e ilimitadamente.	
Entonces, la cita de Freud:	Então, a citação de Freud:
<p>La formación de ideal sería, de parte del yo, la condición de la represión. [...] Conviene indagar las relaciones que esta formación de ideal mantiene con la sublimación. La sublimación es un proceso que atañe a la libido de objeto y consiste en que la pulsión se lanza a otra meta, distante de la satisfacción sexual; el acento recae entonces en la desviación respecto de lo sexual; La idealización es un proceso que envuelve al objeto; sin variar de naturaleza, éste es engrandecido y realizado psíquicamente. La idealización es posible tanto en el campo de la libido yoica cuanto en el de la libido objeto. Por ejemplo, la sobreestimación sexual del objeto es una idealización de este. Y entonces, puesto que la sublimación describe algo que sucede con la pulsión, y la idealización algo que sucede con el objeto, es preciso distinguir las en el plano conceptual (pág. 90).</p>	<p>Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão. [...] Convém indagar as relações que esta formação do ideal mantém com a sublimação. A sublimação é um processo atinente à libido de objeto e consiste em que a pulsão se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual. A idealização é um processo que envolve o objeto; sem variar de natureza, este é engrandecido e realçado psiquicamente. A idealização é possível tanto no campo da libido do Eu como na libido de objeto. Por exemplo, a superestimación sexual do objeto é uma idealização dele. E então, já que a sublimação descreve algo que acontece com a pulsão, e a idealização algo que acontece com o objeto, é preciso diferencia-las no plano conceitual (pág. 90 [100-101]).</p>
<p>Freud dice que, dado que son cosas distintas, conviene distinguir la idealización de la sublimación; pero, en rigor, si son efectivamente distintas, ¿por qué necesitamos distinguir las? Porque a nivel del lenguaje, lo ideal y lo sublime pertenecen a campos semánticos sumamente próximos. Sin embargo, no perdamos de vista que para Freud el ideal es el factor determinante de la represión, mientras que la sublimación es</p>	<p>Freud disse que, considerando que são coisas distintas, convém distinguir a idealização da sublimação, mas, a rigor, se são efetivamente distintas, por que precisamos distingui-las? Porque, no nível da linguagem, o ideal e o sublime pertencem a campos semânticos extremamente próximos. No entanto, não devemos esquecer que para Freud o ideal é o fator determinante do recalque, enquanto que a sublimação é um</p>

<p>un proceso que atañe a la libido y consiste en que la pulsión se lanza a otra meta distante de la satisfacción sexual. Del lado de la sublimación, entonces, la función de la “otra meta”; y del lado de la idealización, un proceso que envuelve al objeto “sin variar de naturaleza”. Noten como en la oposición de lo sublime y lo ideal estamos en la dialéctica de lo otro y de lo mismo, de lo nuevo y de lo repetido. Sigamos con la cita de Freud:</p>	<p>processo que se refere à libido e consiste em que a pulsão se lança a outra meta distante da satisfação sexual. Do lado da sublimação, então, a função da “outra meta”; e do lado da idealização, um processo que envolve o objeto “sem variar de natureza”. Notem como na oposição do sublime e do ideal estamos na dialética do outro e do mesmo, do novo e do repetido. Continuemos com a citação de Freud:</p>
<p>La formación de un ideal del yo se confunde a menudo, en detrimento de la comprensión, con la sublimación de la pulsión. Que alguien haya trocado su narcisismo por la veneración de un elevado ideal del yo no implica que haya alcanzado la sublimación de sus pulsiones libidinosas. El ideal del yo reclama por cierto esa sublimación, pero no puede forzarla; la sublimación sigue siendo un proceso especial cuya iniciación puede ser incitada por el ideal, pero cuya ejecución es por entero independiente de tal incitación (pág. 91).</p>	<p>A formação do ideal do Eu é frequentemente confundida, em prejuízo da compreensão, com a sublimação da pulsão. Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de suas pulsões libidinais. O ideal do Eu reclama, aliás, essa sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo especial, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação (pág. 91) [101].</p>
<p>Podríamos salir de esta clase, como buenos analizantes que somos, con un nuevo ideal: sublimar; pero Freud nos dice, claramente, que el ideal no puede más que incitar a sublimar pero no lo puede determinar.</p>	<p>Poderíamos sair desta aula, como bons analisantes que somos, com um novo ideal: sublimar; mas Freud nos afirma, claramente, que o ideal não pode mais do que incitar a sublimar, mas não pode determina-lo.</p>
<p>En los neuróticos, precisamente, encontramos las máximas diferencias de tensión entre la constitución del ideal del yo y la medida en que sublimaron sus pulsiones libidinosas primitivas, y en</p>	<p>Nos neuróticos, precisamente, encontramos as maiores diferenças de tensão entre a constituição do ideal do Eu e a medida em que sublimaram suas pulsões libidinais primitivas, e em geral é</p>

<p>general los idealistas son mucho más reacios que los hombres de modestas miras a convencerse del inadecuado paradero de su libido. Además, la formación de ideal y la sublimación contribuyen en proporciones por entero diversas a la causación de la neurosis. Según tenemos averiguado la formación del ideal aumenta las exigencias del yo y es el más fuerte favorecedor de la represión. La sublimación constituye aquella vía de escape que permite cumplir esa exigencia sin dar lugar a la represión.</p>	<p>bem mais difícil convencer os idealistas do que os homens simples, modestos em suas pretensões, acerca do inadecuado paradeiro de sua libido. Ademais, a formação de ideal e a sublimação contribuem em proporções muito diversas à causação da neurose. Como vimos, a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece o recalque. La sublimação constitui a porta de saída que permite cumprir essa exigência sem ocasionar a repressão (pág. 92) [101].</p>
<p>Más que toda la cuestión de “la otra vía que la sexual”, me importa acentuar que la sublimación es la modalidad de hallar lo otro, la nueva vía, mientras que la idealización es el más fuerte favorecedor de la represión en causa en la neurosis.</p>	<p>Mas do que toda a questão de “a outra via que a sexual”, é importante acentuar que a sublimação é a modalidade de encontrar o outro, a nova via, enquanto que a idealização é a mais forte favorecedora do recalque em causa na neurose.</p>
<p>A partir de aquí, debemos tener bien en cuenta esta oposición idealización-sublimación para poder desarrollar, partiendo de Freud, la posibilidad de concebir lo nuevo. Y cuando decimos “lo nuevo” nos referimos, por un lado, a lo nuevo para cada uno de nosotros en el seno de cada una de las experiencias analíticas en la que estamos implicados como analizantes, y, por otro lado, a lo absolutamente nuevo que el psicoanálisis puede aportar.</p>	<p>A partir daqui, devemos observar essa oposição idealização/sublimação para poder desenvolver, partindo de Freud, a possibilidade de conceber o novo. E quando dizemos “o novo” nos referimos, por um lado, ao novo para cada um de nós no seio de cada uma das experiências analíticas, nas quais estamos implicados como analisantes, e, por outro lado, o absolutamente novo que a psicanálise pode aportar.</p>
<p>En Freud hay, sin que él lo diga de forma explícita, algo absolutamente nuevo que el psicoanálisis aporta, es la función del</p>	<p>Em Freud há, sem que ele afirme de forma explícita, algo absolutamente novo como contribuição da psicanálise, é a</p>

<p>analista; antes de Freud, jamás hubo un vínculo entre dos sujetos de la índole del vínculo analítico. Pero el problema -siguiendo con Freud-, es que no llegó a concebir lo radicalmente nuevo para el analizante, para el todo psicoanálisis terminaba en una cierta impasse, en un callejón sin salida.</p>	<p>função do analista. Antes de Freud jamais houve um vínculo entre dois sujeitos da índole do vínculo analítico. Mas o problema, continuando com Freud, é que não chegou a conceber o radicalmente novo para o analisante, para ele toda a psicanálise terminava em certo impasse, em um beco sem saída.</p>
<p>Cuando Lacan concibe lo absolutamente nuevo que aporta el psicoanálisis para el analizante, lo hace mediante su noción de fin de análisis que consiste en un pase. Justamente, la posición del que haga el pase del fin de análisis será la resultante de haber hallado lo absolutamente nuevo. Para Lacan, ese será un “analista”; no porque sea efectivamente el analista practicante de otra experiencia analítica, sino por un cambio en la posición de analizante. Lacan dirá que “el analista” no existe; pero que aquel que dé ese paso que estamos planteando como paso a lo nuevo, será un analizante devenido analista. Así, de una manera sorpresiva, hemos hallado que, una vez más, Lacan retoma el sentido más radical de la obra freudiana, ya que al llamar “analista” al analizante luego del atravesamiento del pase, reencuentra en cierta forma lo nuevo inventado por Freud, el analista, no como practicante sino como posición subjetiva.</p>	<p>Quando Lacan concebe aquilo absolutamente novo que a psicanálise oferece ao analisante, o faz mediante sua noção de final de análise que consiste em um passe. Justamente, a posição de quem fizer o passe no final da análise será a resultante de ter achado o absolutamente novo. Para Lacan, esse será um “analista”, não porque seja efetivamente o analista praticamente de outra experiência analítica, mas por uma mudança na posição de analisante. Lacan dirá que o analista não existe, mas que aquele que dá esse passo que estamos articulando como passo ao novo, será um analisante que passa a analista. Desse modo, de uma maneira extraordinária, temos que Lacan novamente retoma o sentido mais radical da obra freudiana já que, ao chamar de “analista” o analisante depois do atravessamento do passe, reencontra de certa forma o novo inventado por Freud, o analista, não como praticante, mas como posição subjetiva.</p>
<p>Nos queda por elaborar este paso a lo absolutamente nuevo. Lo haremos mediante la concepción del más allá de la</p>	<p>Falta elaborar este passo ao absolutamente novo. Faremos isso mediante a concepção do além da</p>

<p>demanda del Otro. Nuestra cuestión, entonces, es cómo pensar el más allá de la demanda del Otro.</p>	<p>demanda do Outro. Nossa questão é, então, pensar o além da demanda do Outro.</p>
<p>Quedó claro en la clase pasada y con las citas de Freud de la clase de hoy que las soluciones imaginarias del yo ideal y del Ideal del yo no eran, cabalmente hablando, soluciones que fueran más allá del Otro.</p>	<p>Ficou claro na aula passada e com as citações de Freud da aula de hoje que as soluções imaginárias do eu ideal e do Ideal do eu não eram, estritamente falando, soluções que fossem além do Outro.</p>
<p>Retomemos, entonces, “Subversión del sujeto...”:</p> <p>Opacidad de la que vamos a decir gracias a que sesgo constituye en cierta forma la sustancia del deseo.</p> <p>El deseo se esboza en el margen donde la demanda se desgarrá de la necesidad: margen que es el que la demanda, cuyo llamado no puede ser incondicional sino dirigido al Otro, abre bajo la forma de la falla posible que puede aportarle la necesidad, por no tener satisfacción universal (lo que se llama angustia). Margen que, por más lineal que sea, deja aparecer su vértigo, por poco que no esté recubierto por el pisoteo de elefante del capricho del Otro. Es ese capricho sin embargo el que introduce el fantasma [<i>fantôme</i>] de la Omnipotencia no del sujeto sino del Otro donde se instala su demanda [sería hora de que ese cliché imbecil fuese, de una vez por todas, y para todos, colocado en su lugar], y con ese fantasma (<i>fantôme</i>) la necesidad [<i>nécessité</i>] de su refrenamiento por la Ley (pág. 793).</p>	<p>Retomemos então às citações de “<i>Subversión del sujeto...</i>”:</p> <p>Opacidade que diremos de que maneira constitui como que a substância do desejo.</p> <p>O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não ter satisfação universal (o que é chamado de angústia). Margem que, embora sendo linear, deixa transparecer sua vertigem, por mais que seja coberta pelo pisoteio de elefante do capricho do Outro. É esse capricho, no entanto, que introduz o fantasma [<i>fantôme</i>] da Onipotência, não do sujeito, mas do Outro em que se instala sua demanda (já era tempo de esse cliché imbecil ser recolocado, de uma vez por todas, e por todos, em seu devido lugar), e, juntamente com esse fantasma [<i>fantôme</i>], a necessidade [<i>nécessité</i>] de seu refreamento pela Lei (pág. 793) [828].</p>

<p>Es necesario corregir la versión castellana de los Escritos. Las dos veces que en francés dice: "<i>fantôme</i>", la traducción al castellano pone "fantasma". Pero hay que corregirlo porque en el párrafo que sigue van a ver aparecer la palabra "<i>fantasme</i>", que es la palabra que Lacan efectivamente utiliza para referirse al fantasma. Como es el mismo Lacan el que introduce en el psicoanálisis la noción de fantasma, debemos estar muy atentos a la razón por la que habrá elegido para estos casos una palabra distinta pero tan próxima y de igual etimología.</p>	<p>É necessário corrigir a versão castelhana dos Escritos. As duas vezes em que em francês diz: "<i>fantôme</i>", a tradução ao castelhano propõe "fantasma", mas há que ser corrigido porque no parágrafo seguinte irão ler a palavra "<i>fantasme</i>", que é a palavra que Lacan efetivamente utiliza para se referir ao fantasma. Como é o mesmo Lacan quem introduz na psicanálise a noção de fantasma, devemos estar muito atentos à razão pela qual terá escolhido para estes casos uma palavra diferente, porém tão próxima e de igual etimologia.</p>
<p>Creo que lo más conveniente es dejar entre paréntesis al lado del término castellano el que efectivamente utilizo Lacan en francés. Pero no se acaban aquí los problemas. En la traducción al castellano aparece, en este párrafo, repetida tres veces la palabra "necesidad". La omisión del traductor es brutal porque en los dos primeros casos dice "besoin" y en el tercero dice "<i>nécessité</i>". La diferencia es que "<i>besoin</i>" es necesidad biológica y "<i>nécessité</i>" es necesidad lógica. Lacan es el psicoanalista que más hace hincapié en la distinción entre ambos términos. En los dos primeros casos, entonces, es la necesidad que nosotros trabajamos en el seno del trio "necesidad-demanda-deseo".</p>	<p>Acredito que o mais conveniente é deixar entre parêntesis ao lado do termo o que efetivamente Lacan utilizou em Francês. Mas os problemas não acabam aqui. Na tradução em castelhano aparece, nesse parágrafo, repetida três vezes a palavra "<i>necessidad</i>". A omissão do tradutor é brutal porque, em francês, nos dois primeiros casos diz "<i>besoin</i>" e no terceiro diz "<i>nécessité</i>". A diferença é que "<i>besoin</i>" é necessidade biológica e "<i>nécessité</i>" é necessidade lógica. Lacan é o psicanalista que mais enfatiza a diferença entre esses dois termos. Nos primeiros casos, então, é a "<i>nécessité</i>" que nós trabalhamos no seio do trio "necessidade-demanda-desejo".</p>
<p>Lacan empieza por plantearnos la cuestión del deseo. Se podría pensar,</p>	<p>Lacan começa levantando a questão do desejo. Ele diz que poderia se pensar</p>

<p>nos dice, que, en cierta forma, la sustancia del deseo es la opacidad, porque plantea al deseo como un margen respecto de toda demanda. Toda demanda produce un margen que abre un campo -el más allá de la demanda- que se llama deseo. Y ese campo implica una cierta recuperación del objeto perdido de la necesidad ("<i>besoin</i>"), como necesidad biológica -perdida en el mundo humano, causada por la demanda significativa.</p>	<p>que, de certa forma, a substância do desejo é a opacidade, porque articula o desejo como uma margem a respeito de toda demanda. Toda demanda produz uma margem que abre um campo – o além da demanda – que se chama desejo. Esse campo implica uma certa recuperação do objeto perdido da necessidade ("<i>besoin</i>"), como necessidade biológica – perdida no mundo humano, causada pela demanda significativa.</p>
<p>También hemos trabajado la noción de particularidad de la necesidad, y cómo ésta reaparecía del lado del deseo. Lacan agrega que la incondicionalidad de la demanda respecto de la necesidad biológica se transforma en la condición absoluta del deseo. Este margen a toda demanda que es el deseo, impone una condición a la Omnipotencia del Otro; y si le impone una condición a la Omnipotencia del Otro, podemos seguir que el Otro no es más Omnipotente. Precisamente porque el Otro no es Omnipotente, Lacan va a decir que ese margen implica, para el sujeto, la vivencia de un abismo que produce vértigo, o sea, la clínica de la angustia.</p>	<p>Também trabalhamos a noção de particularidade da necessidade e como ela reapareceria do lado do desejo. Lacan acrescenta que a incondicionalidade da demanda se transforma na condição absoluta do desejo. Esta margem a toda demanda que é o desejo, impõe uma condição à Onipotência do Outro e, se impõe uma condição à Onipotência do Outro, podemos considerar que o Outro não é mais Onipotente. Justamente pelo fato do Outro não ser Onipotente é que Lacan vai dizer que essa margem implica, para o sujeito, a vivência de um abismo que produz vertigem, ou seja, a clínica da angústia.</p>
<p>Y es ahí que nos advierte que hay que atacar la vieja fantasía imbecil -"imbecil" quiere decir "sin apoyo"- de la Omnipotencia del sujeto. El problema no es la Omnipotencia del sujeto, es la Omnipotencia del Otro. Y es hora de reenviar, nos dice Lacan, a ese cliché: la</p>	<p>É aí que nos adverte que é necessário atacar a velha fantasia imbecil ("imbecil" significa "sem apoio") da Onipotência do sujeito. O problema não é a Onipotência do sujeito, é a Onipotência do Outro. Lacan disse que é hora de revisitar esse clichê: a Onipotência do sujeito. É hora</p>

Omnipotencia del sujeto a su lugar. Es hora de reubicarlo.	de reposicioná-lo.
Hay dos fantasmas imbéciles; uno es el fantasma de la Omnipotencia del sujeto (<i>fantôme</i>) y el otro es la idea de que ese <i>fantôme</i> debe ser refrenado por la Ley, por el “no se puede”, o el mas pseudoanalítico “todo no se puede”.	Há dois fantasmas imbecis, um deles é o fantasma da Onipotência do sujeito (<i>fantôme</i>) e o outro é a ideia de que esse <i>fantôme</i> deve ser contido pela Lei, pelo “não se pode” ou até mesmo o mais pseudoanalítico “não se pode tudo”.
Esto es muy interesante porque estamos acostumbrados a pensar que el refrenamiento por la Ley, la función paterna, concierne a la esencia del deseo; aquí eso queda reubicado. Es precisamente este camino por donde vamos a entrar en la oposición del pase y la <i>impasse</i> de fin de análisis (en suma, la oposición entre Lacan y Freud). La cuestión, en definitiva, es como teorizar la función de la Ley, la función paterna.	Isso é muito interessante porque estamos acostumbrados a pensar que a restrição imposta pela Lei, a função paterna, concerne à essência do desejo. Aqui isso fica colocado de outra forma. Esse é precisamente o caminho por onde vamos entrar na oposição entre o passe e o <i>impasse</i> do final de análise (em síntese, a oposição entre Lacan e Freud). Em definitiva, a questão é como teorizar a função da Lei, a função paterna.
Lacan sigue diciendo:	Lacan continua dizendo:
Pero nos detenemos aquí también para regresar al estatuto del deseo que se presenta como autónomo con relación a esa mediación de la Ley [...] (pág. 793).	Mas nos detemos aqui também para voltar ao status do desejo que se apresenta como autônomo em relação a essa mediação da Lei (...) (pág. 793) [828].
Aquí Lacan nos está diciendo que el deseo es autónomo respecto de la metáfora paterna, que en psicoanálisis lacaniano es la forma de teorizar la introducción de la Ley.	Aqui Lacan está dizendo que o desejo é autônomo com relação à metáfora paterna que, na psicanálise lacaniana, é a forma de teorizar a introdução da Lei.
[...] por la razón de que es por el deseo por el que ella se origina [...] (pág. 794).	(...) por ser no desejo que ela se origina (...) (pág.793) [828].
Es por el deseo que se origina la Ley. Nosotros siempre tendemos a pensarlo al revés: que hay deseo porque la Ley lo origina. Tenemos todos una versión bien	É pelo desejo que se origina a Lei. Temos a tendência de pensar o contrário: que existe desejo porque a Lei o origina. Todos nós temos uma versão bem

<p>neurótica: el padre, cierto Otro, causa el deseo y así, siendo un Otro el que causa la falta en otro Otro, el Otro materno, logramos el “Otro del Otro”. El padre como el Otro de la madre representando esta última al Otro primordial.</p>	<p>neurótica: o pai, algum Outro, causa desejo e assim, sendo um Outro o que causa a falta em outro Outro, o Outro materno, conseguimos o “Outro do Outro”. O pai como o Outro da mãe representando esta última ao Outro primordial.</p>
<p>[...] en el hecho de que por una simetría singular, invierte lo incondicional de la demanda de amor, donde el sujeto permanece en la sujeción del Otro, para llevarlo a la potencia de la condición absoluta (donde lo absoluto quiere decir también desasimiento) (pág. 794).</p>	<p>(...) no fato de que, através de uma simetria singular, inverte o incondicional da demanda de amor, pela qual o sujeito permanece na sujeição do Outro, para elevá-lo à potência da condição absoluta (onde o absoluto também que dizer desprendimento) (pág. 794) [828].</p>
<p>Esta cita es clave. ¿Por qué? Lacan dice que el sujeto permanece en una relación de sujeción al Otro. En francés, como en castellano, la misma noción de sujeto ya implica la noción de sujeción. ¿Y cuál es esa sujeción propia del sujeto? La sujeción al Otro. ¿Y en dónde se ve que la sujeción es al Otro? En lo incondicional de la demanda; hay sujeción al Otro en lo incondicional de la demanda del Otro. El sujeto, como tal, no puede poner ningún límite a la demanda del Otro, porque para el sujeto la demanda del Otro es incondicional. Es por eso que Lacan dice que la condición absoluta del deseo es una condición que no queda subsumida en lo incondicional de la demanda del Otro; tiene una potencia. ¿Y cuál es esa potencia, precisamente? “Desjuntar” al sujeto de lo incondicional de la demanda del Otro.</p>	<p>Esta citação é fundamental. Por quê? Lacan afirma que o sujeito permanece numa relação de sujeição ao Outro. Em francês, como em castelhano, a mesma noção de sujeito já implica a noção de sujeição. E qual é essa sujeição própria do sujeito? A sujeição ao Outro. E onde é possível ver que a sujeição é ao Outro? No incondicional da demanda. Há sujeição ao Outro no incondicional da demanda do Outro. O sujeito, enquanto tal, não pode pôr nenhum limite à demanda do Outro, porque para o sujeito a demanda do Outro é incondicional. É por isso que Lacan afirma que a condição absoluta do desejo é uma condição que não fica submetida submissa no incondicional da demanda do Outro, tem uma potência. E qual é, precisamente, essa potência? Deslocar o sujeito do incondicional da demanda do Outro.</p>
<p>Freud planteó que era mediante el padre</p>	<p>Freud articulou que era mediante o pai</p>

<p>que la Ley introducía la falta. A esta falta podríamos metaforizarla diciendo “al menos una mujer no”. Respecto del conjunto de todas las mujeres, el padre dice: al menos una mujer no, la madre. Esta es la forma como Freud teoriza la función de la falta.</p>	<p>que a Lei introduzia a falta. Poderíamos metaforizar esta falta dizendo “ao menos uma mulher não”. A respeito do conjunto de todas as mulheres, o pai diz: ao menos uma mulher não, a mãe. Essa é a forma como Freud teoriza a função da falta.</p>
<p>En Lacan se produce una inversión peculiar de esta afirmación freudiana: es porque hay una falta en la estructura, precisamente, que la operatoria paterna puede inscribirse. Algo en verdad muy novedoso como concepción de las interdicciones a nivel social.</p>	<p>Em Lacan se produz uma inversão peculiar desta afirmação freudiana: é precisamente porque há uma falta na estrutura que a operatória paterna pode se inscrever. Algo na verdade muito inovador como concepção das interdições no nível social.</p>
<p>¿Cuál es la importancia de esta discusión? Nosotros -los sujetos neuróticos- tenemos la misma teoría del deseo que tiene Freud: que el sujeto desea aquello marcado por la Ley: lo prohibido. Pero la propuesta de Lacan es que pensemos que el deseo, como deseo de lo prohibido, es solo una forma de velar la verdadera estructura del deseo. Que cada uno de nosotros desee lo que se le prohíbe responde a un afán bien propio del neurótico: velar, ocultar que hay una falta en la estructura.</p>	<p>Qual é a importância dessa discussão? Nós, os sujeitos neuróticos, temos a mesma teoria do desejo que tem Freud: o sujeito deseja aquilo marcado pela Lei: o proibido. Mas a proposta de Lacan é que pensemos que o desejo, como desejo do proibido, é só uma forma de velar a verdadeira estrutura do desejo. Que cada um de nós deseje o que nos é proibido responde a um afã muito próprio do neurótico: velar, ocultar que há uma falta na estrutura.</p>
<p>Pensemos, si no, en esos sujetos que están fijados a la posición de desear lo prohibido. ¿Cómo se los llama? Rebeldes sin causa. Tal posición implica poner en el horizonte todo lo que se le niegue, justamente para anular la función de la falta, de lo que nadie prohibió, como causa.</p>	<p>Pensemos então nesses sujeitos que estão fixados à posição de desejar o proibido. Como se chamam? Rebeldes sem causa. Tal posição implica pôr no horizonte tudo o que for negado, justamente para anular a função da falta, daquilo que ninguém proibiu, como causa.</p>
<p>El desasimiento de la sujeción al que</p>	<p>O desprendimento da sujeição sobre a</p>

<p>venimos aludiendo es una desujeción, no de un elemento mutable, sino de la estructura misma de la neurosis. A partir de estas teorizaciones, entonces, llegaremos a la conclusión de que hay, para el sujeto, una posición posible más allá de la neurosis.</p>	<p>que estamos aludindo é uma des-sujeição , não de um elemento mutável, mas da mesma estrutura da neurose. A partir dessas teorizações, então, chegaremos à conclusão de que há, para o sujeito, uma posição possível além da neurose.</p>
<p>“Veamos” algunas de estas cosas en el grafo de referencia de esta clase, el grafo 3 (esquema nº 1).</p>	<p>“Veamos” algumas dessas coisas no grafo de referência dessa aula, o grafo 3 (esquema nº1).</p>
<p>Noten cómo queda inscripto el deseo (<i>d</i>) en un más allá del Otro (A), saliendo de esta forma de los dos circuitos sin salida de lo imaginario, que describimos la clase pasada. Este más allá del Otro implica un más allá de toda demanda, porque no se localiza en ninguna línea, sino en el entrelineas. Así también vemos que la pregunta <i>Che voi?</i> está entrelineas, mientras que el fantasma ($\\$ \diamond a$), se localiza como el tapón que cierra la apertura del entrelineas.</p>	<p>Observem como fica inscrito o desejo (<i>d</i>) em um além do Outro (A), dessa forma saindo dos dois circuitos sem saída do imaginário, que descrevemos na aula passada. Esse além do Outro supõe um além de toda demanda, porque não se localiza em nenhuma linha, mas nas entrelinhas. Vemos assim que a pergunta <i>Che voi?</i> também está nas entrelinhas, enquanto que o fantasma ($\\$ \diamond a$) se localiza como o tampão que fecha a abertura do entrelinhas.</p>
<p>El grafo 3 es el que, teniendo forma de signo de pregunta (?), indica la función de la pregunta como tal, no el contenido de ninguna pregunta. Presenta simultáneamente: a) el deseo como más allá de toda demanda; b) el <i>Che voi?</i>, la forma como el deseo se distingue de lo inefable, y c) el fantasma como soporte del deseo. El deseo, su pregunta y su soporte se presentan, como debe serlo, en su interrelación en el grafo 3, que se caracteriza por ello.</p>	<p>O grafo 3 é o que, tendo forma de signo de pergunta (?), indica a função da pergunta enquanto tal, não o conteúdo de nenhuma pergunta. Apresenta simultaneamente: a) o desejo como além de toda demanda; b) o <i>Che voi?</i>, a forma como o desejo se distingue do inefável, e c) o fantasma como suporte do desejo. O desejo, sua pergunta e seu suporte se apresentam, como deve ser, em sua inter-relação no grafo 3, que se caracteriza por isso.</p>

<p>Esquema nº 1</p>	<p>Esquema nº1</p>
<p>Si la clase pasada veíamos como tanto la vía del significante del ideal I(A) como la de la metonimia de la significación, siendo ambas dimensiones del significante, implicaban un callejón sin salida (<i>impasse</i>) para el sujeto, ahora veremos como el objeto implica una salida. Esto último es válido tanto para la consideración del sujeto en general, como para la dirección de la cura analítica.</p>	<p>Se na aula passada vimos como tanto a via do significante do ideal I(A) como a da metonímia da significação, sendo as duas dimensões do significante, implicavam uma rua sem saída (<i>impasse</i>) para o sujeito, agora veremos como o objeto implica uma saída. Ele é válido tanto para a consideração do sujeito em geral, como para a direção da cura analítica.</p>
<p>Sigamos con citas del escrito "Subversión del sujeto...":</p>	<p>Seguiremos com as citações do escrito "<i>Subversión del sujeto...</i>".</p>
<p>Por la ganancia obtenida sobre la angustia para con la necesidad [<i>besoin</i>] este desasimiento del sujeto es un logro ya desde su modo más humilde, aquel bajo el cual lo entrevió cierto psicoanalista -Winnicott- en su práctica del niño, nombrándolo: el objeto transicional. Dicho de otra manera: la</p>	<p>Quanto ao ganho obtido em relação à angústia no que tange à necessidade [<i>besoin</i>], esse desprendimento tem êxito desde sua modalidade mais humilde, aquela sob a qual um certo psicanalista – Winnicott – a vislumbrou em sua prática com a criança, denominando-a de objeto transicional. Em outras palavras: o fiapo</p>

<p>hilacha de pañal, el trozo de cacharro amado que no se separan ya del labio, ni de la mano.</p> <p>Digámoslo, esto no es más que emblema; el representante de la representación en la condición absoluta está en su lugar en el inconsciente, donde causa el deseo según la estructura del fantasma [<i>fantasme</i>] que vamos a extraer de él 61 (pág. 794).</p>	<p>de pano e o caco querido que já não ficam separados nem do lábio ne da mão. Isso há que dizê-lo, é apenas emblema; o representante da representação, na condição absoluta, está em seu lugar no inconsciente, onde causa o desejo, segundo a estrutura do fantasma [<i>fantasme</i>] que dele extrairemos (pág. 794) [829]).</p>
<p>Lacan dice que tenemos el ejemplo más humilde del desasimiento del Otro en el objeto transicional. Noten que cuando lo nombra, Lacan no dice “pañal” o “cacharro”, dice “la hilacha del pañal” o “el trozo del cacharro”. ¿Qué es lo propio de un objeto transicional? La fijeza (debe ser ese y ningún otro), que inscribe la condición absoluta. Son objetos que inscriben una forma peculiar de la dialéctica de la condición absoluta. Entonces, si hay un sujeto al que se le plantea el desasimiento del Otro mediante el uso de un objeto tal como el objeto transicional opera en ciertos bebés, ese objeto le inscribirá la condición absoluta: un objeto que se le hace condición. El punto es que ese tipo de desasimiento no es el verdadero desasimiento, Lacan nos dice que el objeto funciona como emblema. Es un objeto, no un significante; pero conserva la propiedad significativa al ser emblema y también por lo parcial; ya hay un corte.</p>	<p>Lacan diz que temos o exemplo mais humilde do desprendimento do Outro no objeto transicional. Notem que quando Lacan o nomeia, não diz “pano” ou “caco”, diz “o fiapo do pano” ou “o pedaço do caco”. O que é o próprio de um objeto transicional? A fixidez (deve ser esse e nenhum outro), que inscreve a condição absoluta. São objetos que inscrevem uma forma peculiar da dialética da condição absoluta. Então, caso haja um sujeito ao qual se articula o desprendimento do Outro mediante o uso de um objeto, tal como o objeto transicional opera em certos bebês esse objeto lhe inscreverá a condição absoluta: um objeto que lhe faz condição. A questão é que esse tipo de desprendimento não é o verdadeiro desprendimento, Lacan nos diz que o objeto funciona como emblema. É um objeto, não um significante; mas conserva a propriedade significativa ao ser emblema, e também pela parcialidade já há um corte.</p>
<p>Al ponerlo a funcionar como emblema, la maniobra del sujeto es negar la falta de la</p>	<p>Ao colocá-lo para funcionar como emblema, a manobra do sujeito é negar a</p>

<p>Omnipotencia del Otro, porque el objeto mismo se convierte en emblema de ella.</p>	<p>falta da Onipotência do Outro, porque o próprio objeto se transforma no emblema.</p>
<p>El verdadero problema -dice Lacan- es el representante de la representación, que se halla en el inconsciente y que es la causa del deseo. A ese representante de la representación -que Lacan llamará objeto <i>a</i> - hay que aprender a distinguirlo bien del objeto emblema. Lacan destaca tanto las diferencias como las similitudes; dice, a este respecto, que la teoría del objeto <i>a</i> se funda en la teoría del objeto transicional de Winnicott.</p>	<p>O verdadeiro problema – diz Lacan – é o representante da representação, que se acha no inconsciente e que é a causa do desejo. Esse representante da representação – que Lacan chamará objeto <i>a</i> – há que se aprender a distinguilo bem do objeto emblema. Lacan destaca tanto as diferenças como as similitudes. Afirma, a respeito disso, que a teoria do objeto <i>a</i> se funda na teoria do objeto transicional de Winnicott.</p>
<p>Hay dos modos de inscribir la función del objeto <i>a</i> como emblema, ambas en la lógica del desasimiento respecto del significante: una, la del objeto transicional tal como lo describimos aquí, como el desasimiento que produce una inversión y se convierte en emblema de la Omnipotencia del Otro. Si ustedes quieren pensarlo con nociones de una etapa más avanzada de la enseñanza de Lacan, esta es la teoría del agalma [ἄγαλμα] del Seminario 8, <i>La transferencia</i>. Es efectivamente un desasimiento, pero se produce aquí una inversión interesante: que el objeto que implica el desasimiento puede tener también la función contraria: ser emblema de la Omnipotencia del Otro.</p>	<p>Há duas formas de se inscrever a função do objeto <i>a</i> como emblema, ambas na lógica do desprendimento a respeito do significante: uma delas e a do objeto transicional tal como o descrevemos aqui, como o desprendimento que produz uma inversão e se transforma em emblema da Onipotência do Outro. Se vocês querem imaginá-lo com noções de uma etapa mais avançada do ensino de Lacan, esta é a teoria do agalma [ἄγαλμα] do Seminário 8, <i>A transferência</i>. É efetivamente um desprendimento, mas se produz aqui uma inversão interessante: que o objeto que implica o desprendimento pode ter também a função contrária: ser emblema da Onipotência do Outro.</p>
<p>La otra modalidad de inscripción del desasimiento es el objeto fetiche. ¿De qué es emblema -para Freud- el objeto fetiche? De la detención en el punto de develamiento de la ausencia, de la falla,</p>	<p>A outra modalidade de inscrição do desprendimento é o objeto fetiche. Para Freud, o objeto fetiche é emblema de que? Da detenção no ponto de desvendamento da ausência, da falha, no</p>

<p>en el cuerpo materno. El fetiche es otra modalidad del funcionamiento del objeto a como emblema de la Omnipotencia del Otro, que dice sí, en tanto indica la vía del develamiento, pero que también dice no a la falta en el Otro, en la medida que se detiene y fija en un objeto que funciona como velo o pantalla.</p>	<p>corpo materno. O fetiche é outra modalidade do funcionamento do objeto a como emblema da Onipotência do Outro, que diz sim, porque indica a via do desvendamento, mas que também diz não à falta no Outro, na medida em que se detém e fixa em outro objeto que funciona como véu ou tela.</p>
<p>Nuestro problema ahora es el problema de representación. ¿Cuál es el problema de la representación? Que no hay representación que nos indique directamente la cosa. El significante - como tal- no es apto para llevarnos a la cosa. De manera que sostener que un emblema si puede darnos la cosa es pretender transformar el funcionamiento del significante.</p>	<p>Nosso problema agora é o da representação. Qual é o problema da representação? Que não há representação que nos indique diretamente a coisa. O significante, como tal, não é capaz de nos levar à coisa. Dai que sustentar que um emblema pode sim nos dar a coisa, é pretender transformar o funcionamento do significante.</p>
<p>Retomemos la cita de la que partimos hoy, en la que Lacan hablaba de la opacidad del deseo.</p>	<p>Voltemos à citação da qual partimos hoje, onde Lacan falava da opacidade do desejo.</p>
<p>Pues aquí se ve que la nesciencia en que queda el hombre respecto de su deseo es menos nesciencia de lo que pide, que puede después de todo cernirse, que nesciencia de donde desea.</p> <p>Y a esto es a lo que responde nuestra formula de que el inconsciente es el discurso del Otro, en la que hay que entender el “de” en el sentido del <i>de</i> latino (determinación objetiva). [...]</p> <p>Pero también añadiendo que el deseo del hombre es el deseo del Otro, donde el “de” da la determinación llamada por los gramáticos subjetiva, a saber la de que es en cuanto Otro como desea (lo cual da</p>	<p>Pois aí se vê que a insciência que o homem tem de seu desejo é menos insciência daquilo que ele demanda – que, afinal, pode ser cingido – do que insciência a partir da qual ele deseja.</p> <p>E é a isso que corresponde nossa formulação de que o inconsciente é discurso do Outro, onde se deve entender o “de” no sentido do <i>de</i> latino (determinação objetiva) [...]</p> <p>Mas acrescentando também que o desejo do homem é o desejo do Outro, onde o “de” fornece a determinação chamada pelos gramáticos de subjetiva, ou seja, é como Outro que ele deseja (o que dá a</p>

el verdadero alcance de la pasión humana) (pág. 794).	verdadeira dimensão da paixão humana) (pág. 794) [829].
Ahora, si estamos intentando sostener que el verdadero desasimiento del sujeto respecto del Otro es por la vía del deseo, cómo compatibilizamos con esto el hecho, palmario, de que el deseo es el deseo del Otro y no el propio. Retorna el problema que creímos haber resuelto.	Agora, se estamos tentando sustentar que o verdadeiro desprendimento do sujeito a respeito do Outro é pela via do desejo, como assemelhar isso com o fato manifesto de que o desejo é o desejo do Outro e não o próprio. Retorna o problema que acreditávamos ter resolvido.
Lacan pone en relación dos fórmulas que tienen prácticamente la misma estructura: “el inconsciente es el discurso del Otro” y “el deseo del hombre es el deseo del Otro”. Por lo general se toman estas dos fórmulas como si fueran la misma o por lo menos iguales; y eso por el funcionamiento fuertemente ambiguo del genitivo “de”.	Lacan relaciona duas formas que têm praticamente a mesma estrutura: “o inconsciente é o discurso do Outro” e “o desejo do homem é o desejo do Outro”. De um modo geral consideram-se as duas fórmulas como se fossem a mesma ou pelo menos iguais, isso se dá pelo funcionamento fortemente ambíguo do genitivo “de”.
Para entender esta cuestión traje unas citas de un muy buen libro de gramática: <i>Esbozo para una nueva gramática de la lengua castellana</i> , de la Real Academia Española. Tomé de allí tres ejemplos.	Para entender essa questão, trouxe algumas citações de um bom livro de gramática: “ <i>Esbozo para una nueva gramática de la lengua castellana</i> ”, da <i>Real Academia Española</i> . Selecionei três exemplos.
El primero: “El burro del herrero.”	O primeiro: <i>El burro del herrero</i> (O burro do ferreiro).
Me parece que es obvia la ambigüedad en este caso: el burro puede ser tanto un objeto propiedad del herrero como una cualidad negativa de este. No se sabe si el herrero tiene un burro o es un burro.	Neste caso, me parece óbvia a ambigüedad: o burro pode ser tanto um objeto propriedade do ferreiro como uma qualidade negativa deste. Não se sabe se o ferreiro tem um burro ou se é um burro.
El segundo: “Los animales de los forasteros.”	O segundo: <i>Los animales de los forasteros</i> (Os

	animais dos forasteiros).
Plantea el mismo nivel de ambigüedad.	Coloca o mesmo nível de ambigüidade.
Y el tercero: “El parque del Retiro.”	E o terceiro: <i>El parque del Retiro</i> (O parque do Retiro).
Este es un poco más oscuro; pero con trabajarlo un poco notamos que se puede tratar del Retiro, que en sí mismo es un parque, o de un lugar que se llama “Retiro” dentro del cual hay un parque, que le pertenece.	Esse é um pouco mais obscuro, mas analisando-o mais de perto, percebemos que pode-se tratar do Retiro, que por si só é um parque, ou de um lugar que se chama “Retiro” dentro do qual há um parque que o pertence.
En castellano, el “de” produce ambigüedad; y es eso mismo lo que nos ha llevado a mal entender, a confundir, estas dos fórmulas de Lacan, tomándolas como idénticas.	Em castelhano e em português o “de” produz ambigüidade. É é isso o que gera o mal entendido e o que nos leva a confundir estas duas fórmulas de Lacan, considerando-as como idénticas.
Ahora, hay usos del “de” que no son ambiguos en absoluto. Por ejemplo (este ejemplo es del mismo libro): “El temor de la muerte.”	Agora, existem usos do “de” que não são de forma alguma ambíguos. Por exemplo: <i>El temor de la muerte</i> (O temor da morte).
Este no es ambiguo; no es la muerte que teme, es el ser humano –animal mortal y que sabe que es mortal- que teme a la muerte.	Esse não é ambíguo, não é a morte que teme, é o ser humano (animal mortal e que sabe que é mortal) que teme a morte.
Y también tenemos este otro ejemplo: “Las quejas del desdichado.”	E também temos este outro exemplo: <i>Las quejas del desdichado</i> (As queixas do desafortunado).
Es obvio que el desdichado no puede ser una propiedad de las quejas, que son las quejas las que pertenecen al desdichado.	Óbvio que o desafortunado não pode ser uma propriedade das queixas, que são as queixas as que pertencem ao desafortunado.
El primero de estos dos últimos ejemplos no es ambiguo, y es genitivo objetivo; y el	O primeiro desses dois últimos exemplos não é ambíguo, é genitivo objetivo; o

segundo tampoco es ambiguo, y es indudablemente subjetivo.	segundo também não é ambíguo, é, sem dúvidas, subjetivo.
Lacan dice que al “de” de “el inconsciente es el discurso del Otro” hay que entenderlo en el sentido del “de” latino: determinación objetiva. Lacan mismo nos avisa que no usa esta fórmula en forma ambigua, aunque el “de” sea ambiguo; por eso nos instruye en la manera de usarlo. Para Lacan, entonces, “el inconsciente es el discurso del Otro” tiene la misma estructura gramatical que la frase “el temor de la muerte”.	Lacan afirma que o “de” de “o inconsciente é o discurso do Outro” tem que ser entendido no sentido do “de” latino: determinação objetiva. Lacan nos avisa que não faz uso dessa fórmula de forma ambígua, ainda que o “de” seja ambíguo, por isso nos instrui sobre a maneira de usá-lo. Para Lacan, então, “o inconsciente é o discurso do Outro” tem a mesma estrutura gramatical que a frase “o temor da morte”.
Y luego añade que en “el deseo del hombre es el deseo del Otro” la determinación debe ser la llamada por los gramáticos subjetiva -la que le corresponde a “las quejas del desdichado”.	Logo acrescenta que em “o desejo do homem é o desejo do Outro” a determinação deve ser a chamada pelos gramáticos subjetiva. É aquela que corresponde a “as queixas do desafortunado”.
Tomemos un ejemplo más del texto de la Real Academia, que me parece sumamente ajustado, por su contenido, a los temas que estamos elaborando: “El amor de Dios.”	Usemos mais um exemplo do texto da <i>Real Academia</i> que, por seu conteúdo, se encaixa nos temas que estamos elaborando: <i>El amor de Dios</i> (O amor de Deus).
Esto está pensado para España, porque para nosotros este ejemplo es un poco oscuro. En general, a nosotros no se nos hace ambiguo porque solemos decir “el amor a Dios”; bueno, ese es un modismo nuestro, no un dato de la estructura de la lengua castellana. “El amor de Dios” -en sentido objetivo- es el amor que tenemos a Dios, explican los gramáticos. A la partícula “de Dios” se la llama objeto	Os gramáticos explicam que “O amor de Deus” – no sentido objetivo – é o amor que temos a Deus. A partícula “de Deus” é chamada de objeto direto, complemento que determina o significado do verbo transitivo e denota o objeto (pessoa, animal, coisa) sobre o qual recai a ação, no caso, amar. É objetivo, então, porque é complemento necessário para que a frase tenha significação. Lido como

<p>directo, complemento, que precisa la significación del verbo transitivo, y denota a la vez el objeto (persona, animal, cosa) en que recae la acción -la acción de amar. Es objetivo, entonces, porque es complemento necesario para que la frase cobre significación. Leído como caso subjetivo, “el amor de Dios” sería el amor con que Dios ama a los hombres. Esta ambigüedad -dice el libro de gramática- suele evitarse agregando otro complemento: “el amor de Dios a los hombres” -que es el segundo complemento en cuestión.</p>	<p>um caso subjetivo, “o amor de Deus” sería o amor com que Deus ama os homens. Essa ambigüidade, segundo a gramática, pode ser evitada se agregado outro complemento: “o amor de Deus aos homens”, esse é o segundo complemento em questão.</p>
<p>El hecho de que la fórmula “el inconsciente es el discurso del Otro” deba ser entendida como necesariamente objetiva, quiere decir que debemos suponerle la misma estructura de “el amor que tenemos a Dios”. “El inconsciente es el discurso del Otro”, les propongo considerarlo como equivalente a “el inconsciente es el discurso respecto del Otro”. Y el ejemplo latino que da Lacan en ese mismo párrafo me parece que confirma mi hipótesis:</p> <p style="text-align: center;">“[...] <i>de Alio in oratione.</i>”</p>	<p>O fato de que a fórmula “o inconsciente é o discurso do Outro” deva ser entendida como necessariamente objetiva, quer dizer que devemos supor a mesma estrutura de “o amor que temos a Deus”. Proponho considerar “O inconsciente é o discurso do Outro”, como equivalente a “o inconsciente é o discurso a respeito do Outro”. O exemplo latino que Lacan nos dá neste mesmo parágrafo confirma minha hipótese:</p> <p style="text-align: center;">“[...] <i>de Alio in oratione.</i>”</p>
<p>Que se traduce: “respecto al Otro en la oración”. ¿De qué se menta en la oración? Del Otro. ¿De qué habla el inconsciente? Del Otro.</p>	<p>Que se traduz: “a respeito do Outro na oração”. Do que se fala na oração? O que se mentaliza na oração? O Outro. Do que fala o inconsciente? Do Outro.</p>
<p>Lo que entendemos habitualmente es que es el Otro el que habla cuando está hablando el inconsciente; pero aquí</p>	<p>O que entendemos habitualmente é que é o Outro quem fala quando está falando o inconsciente, mas aqui Lacan deixa</p>

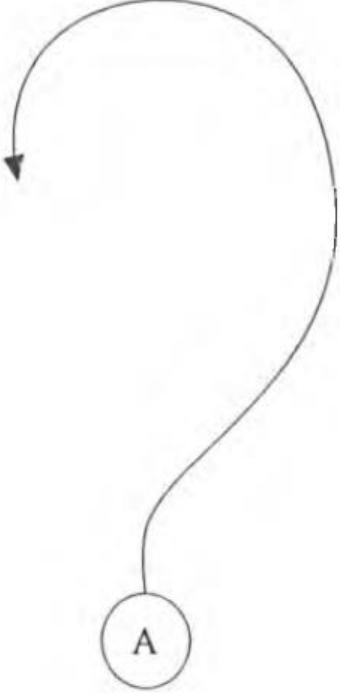

<p>Lacan precisa y dice que el inconsciente es un hablar sobre el Otro.</p>	<p>claro que o inconsciente é um falar a respeito do Outro.</p>
<p>Esto se confirma más aun cuando nos dice que, respecto de “el deseo del hombre es el deseo del Otro”, a este “del Otro” hay que entenderlo como determinación subjetiva, en tanto que Otro es que el sujeto desea. Nadie es yo en el deseo.</p>	<p>Isso se confirma ainda mais quando nos diz que, a respeito da frase “o desejo do homem é o desejo do Outro”, esse “do Outro” tem que ser entendido como determinação subjetiva, na medida em que é entanto que Outro é que o sujeito deseja. Ninguém é eu no desejo.</p>
<p>Porque estas frases no deben ser entendidas de forma ambigua, Lacan dice que la nesciencia no debe ser confundida con el desconocer; vale decir, no es ninguna maniobra defensiva -en el sentido de no querer saber nada de eso. Es, simplemente, aquello de lo que no se puede saber.</p>	<p>Porque estas frases não devem ser entendidas de forma ambígua, Lacan afirma que a insciência não deve ser confundida com o desconhecer; quer dizer, não se trata de nenhuma manobra defensiva (no sentido de não querer saber disso), é, simplesmente, aquilo do que não se pode saber.</p>
<p>Estamos trabajando con la noción de opacidad del deseo: un margen más allá de toda demanda; y si es un margen más allá de toda demanda, no hay nunca ninguna demanda que pueda llegar a cubrirlo. El deseo, por eso, es siempre lo que escapa a toda demanda; lo que implica concretamente la imposibilidad de construir una ciencia del deseo.</p>	<p>Estamos trabalhando com a noção de opacidade do desejo: uma margem além de toda demanda e se é uma margem além de toda demanda, não há nunca nenhuma demanda que possa chegar a cobri-lo. O desejo, por isso, é sempre o que escapa a toda demanda, e isso implica concretamente a impossibilidade de construir uma ciência do desejo.</p>
<p>Pero si es cierto que se trata de una opacidad, de una imposibilidad de saber, de una nesciencia, de un margen de todo lo decible, es una nesciencia mayor que la que implica que el inconsciente es el discurso del Otro. Finalmente, uno podría llegar a establecer -respecto del inconsciente- un cernimiento: qué es lo que se dice del Otro, a nivel de la demanda. El punto clave es la nesciencia</p>	<p>Mas se for certo que se trata de uma opacidade, de uma impossibilidade de saber, de uma insciência, de uma margem de todo o que se pode dizer, é uma insciência maior do que daquela que supõe que o inconsciente é o discurso do Outro. Enfim, poderia chegar a estabelecer-se – a respeito do inconsciente – um discernimento: o que é que se diz do Outro no nível da demanda.</p>

<p>del deseo. ¿Por qué? Porque es en tanto que Otro que el sujeto desea, es desde el lugar de Otro que se desea.</p>	<p>O ponto chave é a insciência do desejo. Por quê? Porque é como Outro que o sujeito deseja, é no lugar de Outro que se deseja.</p>
<p>Debemos distinguir la estructura de “el inconsciente es el discurso del Otro” de la estructura de “el deseo del hombre es el deseo del Otro”; en un caso es hablar del Otro, en el otro caso es ser Otro para desear. Este hablar sobre el Otro - nuestra demanda al y del Otro- puede ser finalmente cernida. Nosotros mismos - como analizantes- podemos determinar cuál es nuestra demanda de análisis, qué le demandamos al Otro -por más inconsciente que sea - Lo que no dejará nunca de ser una opacidad es nuestro deseo. Es que -justamente- el problema de nuestro deseo es que nunca es nuestro. La estructura, entonces, no es la del “yo deseo”, sino la de un “se desea”.</p>	<p>Devemos distinguir a estrutura de “o inconsciente é o discurso do Outro” da estrutura de “o desejo do home é o desejo do Outro”. Num caso é falar do Outro, no outro caso é ser Outro para desejar. Esse falar a respeito do Outro – nossa demanda ao e do Outro – pode ser finalmente circunscrita. Nós mesmos, como analisantes, podemos determinar qual é a nossa demanda de análise, o que demandamos do Outro – por mais inconsciente que seja – o que não deixará nunca de ser uma opacidade é o nosso desejo. O problema do nosso desejo é que, justamente, nunca é nosso. A estrutura, então, não é a do “eu desejo”, mas a de um “se deseja”.</p>
<p>En este punto debemos volver a pensar la cuestión de la función de emblema que puede tener el objeto transicional. Ahí se produce la ficción del “yo deseo eso”. Piénsenlo, porque esto no sólo está acentuado en la clínica del objeto transicional, sino también en toda la dialéctica de los niños futuros obsesivos. En la modalidad anal -dice Lacan-, lo que el obsesivo hará es pasar la causa del deseo -para nosotros siempre alienada- a la condición absoluta de algún objeto. Ese acento sobre el objeto, como un capricho, es un velamiento de la causa del deseo. Muchos neuróticos lo</p>	<p>Nesse ponto devemos voltar a pensar na questão da função do emblema que pode ter o objeto transicional. Aí se produz a ficção do “eu desejo isso”. Pensem a respeito, pois isto não está apenas acentuado na clínica do objeto transicional, mas também em toda a dialéctica de futuras crianças obsessivas. Na modalidade anal – disse Lacan – o que fará o obsessivo é passar a causa do desejo – para nós sempre alienada – à condição absoluta de algum objeto. Esse acento sobre o objeto, como um capricho, é um velamento da causa do desejo. Muitos neuróticos o confundem com um</p>

<p>confunden con un deseo decidido. ¿Y cuál es la ficción que se produce ahí? No tanto que sea eso, el objeto, sino que sea yo, el sujeto, el que lo desee. El punto fundamental de la ficción respecto del objeto -cuando el objeto pasa a ser emblema del desasimiento de la demanda del Otro- es el “yo lo deseo”.</p>	<p>desejo decidido. E qual é a ficção que se produz aí? Não especificamente que seja isso, o objeto, mas que seja eu, o sujeito, aquele que o desejo. O ponto fundamental da ficção a respeito do objeto – quando o objeto passa a ser emblema do desprendimento da demanda do Outro – é o “eu o desejo”.</p>
<p>Finalmente, la última cita de la clase de hoy:</p>	<p>Para finalizar, a última citação da aula de hoje:</p>
<p>Por eso la pregunta [todo el grafo 3 tiene la estructura de un signo de pregunta] del Otro que regresa al sujeto desde el lugar de donde puede esperar un oráculo, bajo la etiqueta de un “¿qué quieres?”, es la que conduce mejor al camino de su propio deseo, si se pone a reanudar, gracias al “saber hacer” de un compañero llamado psicoanalista, aunque fuese sin saberlo bien, en el sentido de un “¿qué me quiere?” (pág. 794).</p>	<p>Eis por que a pergunta [todo o grafo 3 tem a estrutura de um signo de pergunta] do Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde pode esperar um oráculo, formulada como um “<i>Che vuoi?</i> – que quer você?”, é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo – caso ele se ponha, graças à habilidade de um parceiro chamado psicanalista, a retomá-la, mesmo sem saber disso muito bem, no sentido de um “Que quer ele de mim?” (pág. 794) [829].</p>
<p>Estamos en el punto en que, por razones estructurales, la nesciencia máxima para todo sujeto neurótico está planteada en lo que desea: fundamentalmente desde donde desea, y no tanto que desea. Uno podría llegar a encontrar lo que desea, lo que no encontrará jamás es desde dónde desea eso porque el deseo del hombre es el deseo del Otro.</p>	<p>Chegamos a um ponto em que, por razões estruturais, a insciência máxima para todo sujeito neurótico está colocada naquilo que deseja: fundamentalmente a partir de onde deseja, e não tanto o que deseja. A pessoa poderia chegar a encontrar o que deseja, o que não encontrará jamais é de onde deseja isso, porque o desejo do homem é o desejo do Outro.</p>
<p>Para poder progresar en este camino estructuralmente oscuro del deseo, Lacan dice que el derrotero necesario es un psicoanálisis: encontrarse un compañero</p>	<p>Para poder progredir nesse caminho estruturalmente obscuro do desejo, Lacan disse que o caminho necessário é uma psicanálise: encontrar um</p>

<p>de camino psicoanalista. ¿Por qué? Porque la pregunta que el sujeto dirige al Otro: ¿qué desea? -dada la estructura de toda demanda- le retornara invertida (la estructura de toda demanda es que el sujeto recibe del Otro su propia demanda en forma invertida). El sujeto demanda al Otro por su deseo (está obligado a hacerle esta pregunta al Otro porque la estructura del deseo implica el desconocimiento); y como vuelve invertida desde el Otro esa pregunta — (¿qué quiero?). Vuelve como otra pregunta: ¿qué quieres? Lacan dice que esa pregunta que el sujeto recibe del Otro como respuesta lo encamina hacia el acto del propio deseo.</p>	<p>companheiro de percurso que seja psicanalista. Por quê? Porque a pergunta que o sujeito dirige ao Outro: o que deseja? – dada a estrutura de toda demanda – lhe retornará invertida (a estrutura de toda demanda é que o sujeito recebe do Outro sua própria demanda de maneira invertida). O sujeito demanda ao Outro pelo seu desejo (está forçado a fazer essa pergunta ao Outro porque a estrutura do desejo implica o desconhecimento). Como volta invertida a partir do Outro essa pergunta (o que quero?). Volta como outra pergunta: o que quer? Lacan diz que essa pergunta que o sujeito recebe do Outro como resposta vai conduzi-lo para o ato do próprio desejo.</p>
<p>Este circuito continúa con una tercera inversión. El sujeto invierte la pregunta del Otro -que en segunda instancia fue respuesta a la pregunta del sujeto- y pregunta ahora al Otro: ¿qué quieres tú - Otro- de mí? Esta inversión es estructural; dado que mi deseo es el deseo del Otro, si mi pregunta es por mi deseo, será en tanto que Otro que deseo. Y solamente podré resolver esta encerrona si establezco la función del objeto del deseo del Otro. Ahí el sujeto se ofrece a sí mismo y es capturado como objeto del deseo del Otro.</p>	<p>Esse circuito continua com uma terceira inversão. O sujeito inverte a pergunta do Outro – que em segunda instância foi resposta à pergunta do sujeito – e pergunta agora ao Outro: o que você – Outro – quer de mim? Essa inversão é estrutural, considerando que meu desejo é o desejo do Outro, se minha pergunta é pelo meu desejo, será enquanto Outro que desejo e somente poderei resolver essa questão se estabeleço a função do objeto do desejo do Outro. É aí onde o sujeito se oferece e é capturado como objeto do desejo do Outro.</p>
<p>Este circuito de preguntas, entre el Otro (A) y el sujeto (S), consiste más que nada en las funciones de las preguntas, entre uno y otro, pero más como puras</p>	<p>Esse circuito de perguntas entre o Outro (A) e o sujeito (S), consiste fundamentalmente nas funções das perguntas entre um e outro, porém, mais</p>

<p>preguntas que según los contenidos que en cada historia le correspondan. Encontramos ejemplos, de los más puros, de esta función de la pregunta, más allá de los contenidos, en los ¿por qué? que los niños dirigen al Otro, y que como función de puras preguntas, son preservados por los mismos niños al rechazar, una y otra vez, cualquier respuesta que se les proponga.</p>	<p>como puras perguntas do que segundo os conteúdos correspondentes em cada história. Encontramos exemplos precisos dessa função da pergunta para além dos conteúdos naqueles “por quê?” que as crianças dirigem ao Outro e que, como função de puras perguntas, são preservados pelas mesmas crianças ao rejeitar, uma e outra vez, qualquer resposta que lhes seja proposta.</p>
<p>Mediante la articulación de la pregunta y el deseo, estamos planteando que no hay deseo independiente de la demanda del Otro; la relación entre la demanda del Otro y mi deseo se plantea en la fórmula de Lacan en la medida que plantea al deseo como articulado, articulado a los significantes de la demanda del Otro, pero es no articulable, en la medida en que el deseo indica justamente el más allá de las demandas particulares del Otro. Esto está planteado en el grafo 3, en la medida en que el signo de pregunta se alza sobre el punto del Otro (A).</p>	<p>Mediante a articulação da pergunta e o desejo, estamos propondo que não há desejo independente da demanda do Outro. A relação entre a demanda do Outro e meu desejo se articula na fórmula de Lacan na medida em que se analisa o desejo como articulado aos significantes da demanda do Outro, mas não é articulável na medida em que o desejo indica justamente o para além das demandas particulares do Outro. Isso está desenvolvido no grafo 3, na medida em que o signo de pergunta se alça sobre o ponto do Outro (A).</p>
<p>Simplificando el grafo 3, se observa claramente lo que acabamos de decir:</p>	<p>Simplificando o grafo 3, observa-se claramente o que acabamos de dizer:</p>

 <p>Esquema nº 2</p>	 <p>Esquema nº 2</p>
<p>En la continuación de la enseñanza de Lacan, la articulación esencial entre deseo y demanda será elaborada conceptualmente a través de una superficie topológica, el toro.</p>	<p>Na continuação do ensino de Lacan, a articulação essencial entre desejo e demanda será elaborada conceitualmente através de uma superfície topológica, o toro.</p>
<p>En la práctica analítica, la maniobra propuesta por Lacan: no responder a la demanda, está hecha para hacer surgir la dialéctica del objeto, en este caso por la frustración que el no responder a la demanda implica. Mediante esta maniobra el analista lleva al análisis, como experiencia de palabra, al horizonte del más allá de la demanda, a través, mediante, el objeto de la frustración.</p>	<p>Na prática analítica, a manobra proposta por Lacan: não responder à demanda, que é feita para fazer surgir a dialética do objeto, nesse caso pela frustração que o não responder à demanda implica. Mediante essa manobra, o analista conduz à análise como experiência de palavra, ao horizonte do mais além da demanda, através do objeto da frustração.</p>
<p>¿Cuál es aquí la función del psicoanalista, luego de producido el efecto que implica el objeto vía la frustración? Soportar el lugar, necesario en la escena, de deseante; por eso la necesidad del “deseo del analista” como</p>	<p>Qual é aqui a função do psicanalista, depois de produzido o efeito que implica o objeto através da frustração? Suportar o lugar, necessário na cena, de deseante; por isso a necessidade do “desejo do analista” como função da análise. Isso</p>

<p>función del análisis. Esto demuestra, categóricamente, la imposibilidad lógica del autoanálisis. Dado que el deseo tiene la estructura de la determinación del deseo del Otro, y dado también que el Otro, que encarnara el lugar que le es necesario al sujeto para elaborar la cuestión de su deseo, estará en ese lugar como deseante, el lugar que al sujeto le queda no es otro que el de objeto del deseo de ese Otro deseante.</p>	<p>demonstra, categoricamente, a impossibilidade lógica da autoanálise. Visto que o desejo tem a estrutura da determinação do desejo do Outro, considerando também que o Outro, que vai encarnar o lugar que é necessário para que o sujeito elabore a questão do seu desejo, estará nesse lugar de desejante, o lugar que resta ao sujeito não é outro senão o de objeto de desejo desse Outro deseante.</p>
<p>¿Entienden qué ficción es el deseo del analista? Soportar por parte del analista que el sujeto lo coloque como deseante respecto de él como objeto, el analizante será tomado como objeto y no sólo como el sujeto deseante. “Objeto deseado” y “sujeto deseante” serán los polos de lo que es la verdadera posición, la de “objeto deseante”. Es en este punto que debemos introducir la estructura del fantasma, porque la modalidad estructural de la pregunta es aquello a lo que llamamos fantasma.</p>	<p>Percebem qual ficção é o desejo do analista? O analista terá que suportar que o sujeito o coloque como desejante a respeito dele como objeto, o analisante será visto como objeto e não apenas como o sujeito desejante. “Objeto desejado” e “sujeto desejante” serão os polos do que é a verdadeira posição, a de “objeto desejante”. É nesse ponto que devemos introduzir a estrutura do fantasma, porque a modalidade estrutural da pergunta é aquilo que chamamos de fantasma.</p>
<p>Es así que se introduce en la enseñanza de Lacan la noción del fantasma como soporte, como sostén del deseo. Es la única forma que tiene el sujeto de elaborar algo de esa oscuridad -la más plena de todas- que se produce en la vida del sujeto neurótico. Es por esto que teorizamos toda la práctica clínica con la neurosis como la clínica de la pregunta. Y ahora quizá muchos de ustedes podrán entender por qué la prevalencia -en la enseñanza de Lacan- de la función del</p>	<p>É assim que se introduz no ensino de Lacan a noção do fantasma como suporte, como sustento do desejo. É a única forma que o sujeito tem de elaborar algo dessa obscuridade – a mais plena de todas – que se produz na vida do sujeito neurótico. É por isso que teorizamos toda a prática clínica com a neurose como a clínica da pergunta. Agora, talvez, muitos de vocês poderão entender por que a prevalência – no ensino de Lacan – da função do</p>

<p>fantasma: porque sostener que la neurosis es la clínica de la pregunta es sostener que la práctica analítica con la neurosis es la clínica del deseo; y esa clínica solo puede ser realizada, soportada, mediante la pregunta -que es la pregunta estructurada por el fantasma. En las próximas reuniones profundizaremos en la relación entre deseo, fantasma y síntoma.</p>	<p>fantasma: porque sustentar que a neurose é a clínica da pergunta é sustentar que a prática analítica com a neurose é a clínica do desejo e essa clínica só pode ser realizada, suportada, mediante a pergunta – que é a pergunta estruturada pelo fantasma. Nas próximas aulas iremos aprofundar a relação entre desejo, fantasma e sintoma.</p>
--	---

5. COMENTÁRIOS DE UMA TRADUÇÃO

Com o comentário podemos discutir a respeito do que foi feito durante uma tradução. Penso que é uma forma de se dialogar com a próprio texto. Comentar ou levantar questões a respeito de uma tradução pode-se gerar reflexões que uma simples leitura ou auto-revisão não seja capaz de possibilitar.

Durante as leituras prévias dos capítulos, deparei-me com algumas palavras que, em um primeiro momento, pensei que não apresentariam problemáticas no momento da tradução, até porque, em se tratando de línguas próximas, a grafia dessas palavras se assemelham com a do português e, considerando essas semelhanças, optei por traduzir literalmente, como fiz com os termos *Palabra*, e *repressión*, os quais foram traduzidos por Palavra e repressão.

Foi durante as revisões onde as problemáticas surgiram e, embora os termos estejam corretos e o seu uso seja recorrente no âmbito psicanalítico, há situações em que devem ser traduzidos por outros termos que, dependendo do contexto e do termo usado no idioma de origem, seja no alemão de Freud ou no francês de Lacan, estabelecem outro sentido.

De acordo com Duque-Estrada (2009, p. 2), tradução de textos psicanalíticos devem ser feitos, preferencialmente, por analistas, considerando sua familiaridade com o jargão da área. A autora do artigo afirma que alguns erros ou inadequações podem passar despercebidos por um tradutor leigo.

Há diversas críticas a respeito das traduções da Standard Edition, considerando que as versões tanto no espanhol quanto no português da obra de Freud foram traduzidas do inglês e apresentam erros em sua tradução, sua obra caiu em domínio público a partir do ano de 2010, quando passou a ser traduzida diretamente do alemão. Eidelsztein (1995, p. 103) sugere correções para a versão castelhana dos Escritos de Lacan, neste caso traduzida diretamente do francês. Diante dessas discussões a respeito de traduções de textos psicanalíticos feitas por profissionais da área e por leigos, surge o questionamento: será que um tradutor psicanalista está isento a cometer erros?

Escalante (2015, p. 275) aponta a importância de não se deixar levar por essa familiaridade com o jargão psicanalítico.

A princípio, se nos deixamos levar pela familiaridade do jargão psicanalítico, eles não nos causariam estranhezas, mas é próprio da tradução, acredito, um gesto de natural desconfiança, especialmente quando estão em jogo duas línguas histórica e geograficamente geminadas e um texto que, por estar escrito no campo psicanalítico lacaniano, apresenta dentro de suas particularidades os rastros de outras línguas.² (ESCALANTE, 2015, p. 275)

Diante desses impasses, reúno aqui alguns vocábulos que apresentaram problemáticas ao longo da tradução:

5.1 *Palabra* – Fala

Um dos termos mais frequentes no texto fonte é “*Palabra*”, com a inicial maiúscula, frequente também nas citações de Lacan. Isso se dá pelo fato de que o termo “*encontra-se atrelado à ideia de Outro*” (ESCALANTE, 2016, s/p).

Como ressaltado no próprio texto, “Se há palavra, há questões de poder enquanto que, se não há palavra, nos animais, por exemplo, os problemas são de força.” O termo em psicanálise expressa um sentido diferente, ao qual um poder lhe é atribuído. Cabe ressaltar que o “Outro” lacaniano é atribuído a um lugar.

O termo “*Palabra*” intuitivamente foi traduzido por “Palavra”. Só durante as revisões fui alertada sobre seu uso que, em português, é traduzido no âmbito psicanalítico por “Fala”. De um modo geral, quando aparece no texto o vocábulo iniciado por letra minúscula, traduzo por “palavra”, porém, quando aparece com a inicial maiúscula, o termo é traduzido por “Fala”, também iniciado com maiúscula.

5.2 *Huella* – rastro

No capítulo 6, Eidelsztein usa o exemplo de um cenário da história de Robinson Crusó para desenvolver um raciocínio. No parágrafo onde são relatados alguns acontecimentos, como quando Crusó percebe a presença de outra pessoa na ilha, que até então acreditava ser habitada por ele apenas, o autor utiliza o vocábulo “*huella*” sete vezes e, embora a meu ver, soasse muito repetitivo, optei, em um primeiro momento, utilizar um único termo em português para traduzir todos os

² Traduzido por Nayara Farias. Original: “*En principio, si nos dejamos llevar por la familiaridad de la jerga psicoanalítica, estos no causarían mayor extrañeza, pero es propio de la traducción, pienso, un gesto de natural desconfianza, especialmente cuando están en juego dos lenguas histórica y geográficamente hermanadas y un texto que, por estar inscrito en el campo psicoanalítico lacaniano, presenta dentro de sus particularidades los rastros de otras lenguas.*” (ESCALANTE, 2015, p. 275)

sete. Como em parágrafos anteriores usei o termo “rastros” para a tradução, continuei utilizando para traduzir os outros sete.

Em espanhol este vocábulo pode expressar diversos sentidos, no dicionário da Real Academia espanhola aparecem nove definições. Pensei em utilizar um termo no português que também contasse com essa polissemia e o termo “rastros” parecia ser uma boa opção, porém havia situações em que “*huella*” se referia às pegadas que Crusoé passou a perceber em outros pontos da ilha. Em outros momentos, o mesmo vocábulo se referia a indícios de que havia outras pessoas por ali, mas não se referia estritamente a pegadas deixadas.

Diante desse impasse, passei a traduzir “*huella*” por palavras diferentes no português, ora utilizei o termo “vestígio”, ora “pegadas”, ora “rastros” que, embora essas palavras sejam consideradas sinônimos e a diferença entre elas pequena, poderia causar estranheza ao leitor.

5.3 Repressão – recalque

Como mencionado, o termo “*represión*” foi traduzido inicialmente por “repressão”, pois considerei que havia um equivalente em português com a mesma grafia e que é muito empregado em textos psicanalíticos. No entanto, em psicanálise também é recorrente o uso da palavra “recalque”, o que pode gerar confusões entre os dois termos.

De acordo com Paiva (2011, p. 232), dependendo da tradução escolhida para ler a obra freudiana, “*o termo Verdrängung assume um significado diferente*”. Há traduções em que se usa o termo “repressão” e outras em que o termo usado é o “recalque” e essa contradição pode ser entendida até mesmo “*pela falta de clareza do próprio Freud no uso da palavra Verdrängung, bem como a própria riqueza da língua alemã.*”

O artigo ainda apresenta uma dialética que, ao meu ver, explica a linha tênue que diferencia os dois termos. A repressão é basicamente definida, de acordo com a primeira tópica proposta por Freud, como um mecanismo consciente que opera na fronteira entre a inconsciência e a pré-consciência, enquanto que o recalque é outro mecanismo que opera na fronteira entre a consciência e a inconsciência.

Acredito que por isso os dois termos sejam bastante recorrentes em psicanálise e a diferenciação deva ser feita de maneira cuidadosa. Diante das

explicações do psicanalista Claudio Barra e do contexto do capítulo traduzido, decidimos em conjunto pelo uso do termo “recalque” na tradução. Gostaria de indicar, inclusive, que o termo vem sendo muito utilizado popularmente como sinônimo de inveja.

5.4 Fantasma – fantasia

Quando li pela primeira vez o termo “*fantasma*” na versão em espanhol do livro, reconheço que o que me veio à mente foi a figura de um fantasma, tal qual conhecemos na nossa cultura, como uma assombração, embora não fizesse sentido relacioná-la ao contexto do que estava sendo desenvolvido no texto.

Em ESCALANTE (2015, p. 301), pude perceber que até mesmo tradutores psicanalistas podem ter dificuldade na hora de traduzir determinados termos do jargão psicanalítico.

Uma primeira aproximação do problema consistiria em atribuir à fantasia uma origem freudiana e ao fantasma um sentido lacaniano, isto implicaria também na adjudicação de línguas, para um o alemão e para o outro o francês³. (ESCALANTE, 2015, p. 232)

Embora a autora tente fazer uma localização da origem do uso dos termos e afirme ser algo impreciso, Eidelsztein propõe uma correção na versão castelhana dos escritos no que diz respeito ao uso da palavra “*fantasma*”.

É necessário corrigir a versão castelhana dos Escritos. As duas vezes em que em francês diz: “*fantôme*”, a tradução ao castelhano propõe “*fantasma*”, mas há que ser corrigido porque no parágrafo seguinte irão ler a palavra “*fantasme*”, que é a palavra que Lacan efetivamente utiliza para se referir ao fantasma. Como é o mesmo Lacan quem introduz na psicanálise a noção de fantasma, devemos estar muito atentos à razão pela qual terá escolhido para estes casos uma palavra diferente, porém tão próxima e de igual etimologia. (EIDELSZTEIN, 1995, s/p)⁴

³ Traduzido por Nayara Farias. Original: “*Una primera aproximación al problema consistiría en conferirle a fantasía un origen freudiano y a fantasma uno lacaniano, ello implicaría también, en la adjudicación de lenguas, para uno el alemán y para el otro el francés.*” (ESCALANTE, 2015, p. 232)

⁴ Foi usada a tradução feita por mim e revisada pela prof.^a Dr.^a Alba Escalante. As páginas da tradução ainda não foram definidas. Original: “*Es necesario corregir la versión castellana de los Escritos. Las dos veces que en francés dice: "fantôme", la traducción al castellano pone "fantasma". Pero hay que corregirlo porque en el párrafo que sigue van a ver aparecer la palabra "fantasme", que es la palabra que Lacan efectivamente utiliza para referirse al fantasma. Como es el mismo Lacan el que introduce en el psicoanálisis la noción de fantasma, debemos estar muy atentos a la razón por la*

Inclusive o próprio autor propõe deixar entre parênteses ao lado do termo em castelhano exatamente o termo usado por Lacan em francês, critério que passou a ser adotado.

Outros critérios foram estabelecidos antes de se iniciar a tradução; alguns, durante seu processo, conforme surgiam as problemáticas.

Desde as leituras prévias era possível identificar as marcas da oralidade presente no texto e, como já mencionado, esse foi o primeiro critério: manter as características da oralidade e, embora pareça, não é uma tarefa muito fácil, pois a linha entre um texto com traços de oralidade e um texto com linguagem coloquial é tênue. A revisão teve papel fundamental para avaliar o emprego de determinados termos que expressam essa característica.

Outros critérios adotados durante o processo tradutório foram com relação às notas de rodapé ou discurso de acompanhamento e às citações. No tocante às notas, no texto fonte não há estes recursos, até porque o autor faz explicações ou sugere correções no decorrer do próprio texto, mas cabe mencionar que as versões do livro para o inglês e para o italiano dispõem de notas de rodapé. Acreditamos que é um recurso importante para auxiliar o leitor durante o estudo, afirmo no plural, pois esses critérios são estabelecidos em conjunto.

Em relação às citações, em um primeiro momento optamos por utilizar traduções já feitas, no entanto essa escolha poderia prejudicar o entendimento do leitor, pois, em algumas situações, o conteúdo da citação não dialogava ou harmonizava com o texto em si. Passou-se então a ser feita a tradução indireta das citações.

O Grafo do Desejo é um livro denso, extremamente detalhista e considerando seu alto nível de complexidade foi decidido fazer o uso das notas⁵ para fins explicativos e de indicação de obras, o intuito também é deixar claro para o leitor de que se trata de uma tradução.

É um livro para estudo, sendo necessária uma análise minuciosa de seus parágrafos, além disso a presença da intertextualidade é constante, dessa forma, o

que habrá elegido para estos casos una palabra distinta pero tan próxima y de igual etimología". (EIDELSZTEIN, 1995, p. 103)

⁵ As notas de rodapé ainda não foram colocadas nos dois capítulos objeto deste trabalho. Primeiro por eu ter optado pela tradução espelhada, segundo porque todo o livro está sendo traduzido e as notas elaboradas aos poucos.

leitor tem que estar ciente de que se trata de uma tradução, até porque não estamos tratando de apenas dois idiomas, considerando que todo o ensino de Lacan foi formulado em francês. Isso ajuda até mesmo a desmontar a ideia de que tradução é passar de uma língua para outra, pois há outros códigos envolvidos. As traduções implicam perdas inevitáveis, mas, por outro lado, os recursos de acompanhamento podem agregar valor e auxiliar o leitor.

Cabe ressaltar que, embora eu tenha escolhido dois capítulos para elaborar o projeto final estabelecendo uma relação entre a tradução e a psicanálise, o livro inteiro está sendo traduzido. Há duas instituições envolvidas, a Universidade de Brasília-UnB e a Escola Lacaniana de Psicanálise de Brasília-ELP, além disso, todo o projeto está sendo realizado em equipe, contando com a tradução feita por leigos e revisão feita por psicanalistas. As discussões a respeito do processo de tradução, bem como os critérios são feitos frequentemente.

A experiência tem sido muito positiva, pois incursei no campo da psicanálise sem saber muito a respeito. Comecei lendo alguns textos de Freud e um pouco sobre sua obra e a obra de Lacan, depois tive a oportunidade de participar de um grupo de estudos e me surpreender com a foto de um livro ser estudado tão exaustivamente e minuciosamente.

Hoje, embora ainda seja, sinto-me cada dia menos leiga. A psicanálise me possibilitou imergir em um universo totalmente novo, passei a enxergar o mundo com outros olhos, a desconfiar do que parece não querer dizer nada. Foi a partir da tradução de *El Grafo del Deseo* que descobri que tradução e psicanálise podem andar de mãos dadas.

F6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu apresentar uma tradução comentada de *El Grafo del Deseo* de Alfredo Eidelsztein. Para isso, foi exposta uma visão panorâmica do que caracteriza a psicanálise, em especial o ensino lacaniano. A partir da premissa de “o inconsciente estruturado como uma linguagem”, percebe-se que a tradução e a psicanálise podem ter algo em comum.

O objetivo é contribuir para os estudos da tradução, especialmente no âmbito psicanalítico. Como já mencionado, a tradução está sempre atrelada a outros campos do saber. Com este trabalho foi possível estabelecer um diálogo entre a tradução e a psicanálise, mediante meu interesse também pelo campo psicanalítico.

El Grafo del Deseo reúne transcrições do curso de pós-graduação intitulado “*El grafo del deseo y la clínica psicoanalítica*”, realizado durante o ano de 1993 em Buenos Aires, desse modo, sua principal característica é a oralidade e mantê-la na tradução foi o primeiro critério.

Cabe ressaltar que o livro inteiro está sendo traduzido, contando, assim, com a tradução feita por leigos em psicanálise e com a revisão feita por psicanalistas. O objeto deste trabalho são apenas dois capítulos, o seis e o sete, ambos traduzidos por mim e revisados pela prof.^a Dr.^a Alba Escalante, contando também com a revisão do psicanalista Claudio Barra da Escola Lacaniana de psicanálise de Brasília-ELPB e com sua utilização no grupo na mesma escola, coordenado pelo Claudio Barra, onde referido livro é estudado minuciosamente.

Mediante a tradução desses capítulos e o nível de complexidade do referido livro, pretendeu-se apresentar também a metodologia utilizada, bem como alguns comentários a respeito das problemáticas com as quais me deparei durante a processo tradutório e seus resultados.

Os objetivos foram atendidos. O presente trabalho é fruto de toda a minha trajetória no curso de Letras-Tradução-Espanhol somada ao interesse pela psicanálise e, embora seja leiga, sinto-me cada vez menos, pois foi através da tradução de *El Grafo del Deseo* onde foi possível estabelecer um diálogo entre a tradução e a psicanálise.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. In: Alea: **Estudos Neolatinos**. p. 341-353. ISSN 1517-106X.

DUQUE-ESTRADA, Dulce. O analista, o tradutor e o impossível. **Tradução em revista: tradução ética e psicanálise**. Rio de Janeiro. 7ª ed. Revista eletrônica, p. 01-07, 2009.

EIDELSZTIEN, Alfredo. **El grafo del deseo**. ISBN 950-9515-92-2. Buenos Aires: Manantial SRL, 1995.

ESCALANTE, Alba. **Semejantes extraños: Traducción comentada de O sujeito e seu texto, de Teresa Palazzo**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ESCALANTE, Alba. **Tradução e psicanálise: o sentido da transmissão**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Liguagem (IEL), 2016, (comunicação oral).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago editora, 1900.

FROTA, Maria Paula. Tradução & psicanálise: um encontro a convite de Freud. **Tradução e perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo. 1ª ed. Editora Unesp digital, 277-299, 2015.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar Ed., 2009.

GAY, Peter. Freud: **Una vida de nuestro tiempo**. 1ª.ed. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989.

GUBA, Egon; LINCOLN, Ivonna. Competing paradigms in qualitative research. In: Dezin & Lincoln, **Hadbook of qualitative Research**. London: Sage, 1994, pp. 105 – 117

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge-Zahar, 1998.

PAIVA, Maria. Recalque e repressão: uma discussão teórica ilustrada por um filme. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina. Vol. 2, nº 2, p. 229-241, dez. 2011.

QUINET, Antonio. **A descoberta do Inconsciente: Do desejo ao sintoma**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge zahar Editor, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Lacan: esbozo de una vida, historia de un sistema de pensamiento**. ISBN: 950-557-210-7. Buenos Aires: Fundo de Cultura Econômica da Argentina, S.A., 1994.

SATHLER, Conrado; REZENDE, Manuel. Psicopatologia: legitimação de discursos pós-modernos na sala de aula. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza. Vol. VIII nº 4, p. 1077-1098, dez/2008.

SCHULTZ, D. P. & SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna**. 8ª ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em URL: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.

FreudLacan – Escola de estudos psicanalíticos. Disponível em [www.http://freudlacan.com.br/](http://www.freudlacan.com.br/). Acesso em: 15 de set. 2016.

Psicanálise Lacaniana – Biografia de Lacan. Disponível em <http://lacan.orgfree.com/lacan/biografia.htm>. Acesso em: 15 de set. 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. 22. ed. Madrid: Real Academia Española, 2001. Disponível em URL: <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>.